

# ENTRE

SILVA CARVALHO

PORÉTICA EDITORA

**Homenagem a Benjamin Britten, inspirador  
da segunda parte deste livro, com o sua  
*Serenade for Tenor, Horn & Strings.***

# ENTRE

SILVA CARVALHO

PORÉTICA EDITORA

## **PRIMEIRA PARTE**

## PRATICAR O FAZER

A alegria de trazer até aqui este eco  
repercutindo-se na inexistência  
do que ainda não é, réplica deste agora  
desvinculando-se da memória do presente  
como me é dado viver na história  
da minha contemporaneidade.

Algures a sintaxe claudica no deslize  
do que irrompe na aceleração  
da consciência, dizem que é tarde  
demais para se intuir uma outra coisa  
para o que se desprende da sensibilidade  
operando nos limites da sensação.

Deixá-los dizer o que a loucura  
procura encontrar na resolução tímida  
perante a estrutura da realidade,  
afinal uma língua é só húmida  
quando encontra uma pele no corpo  
que se contorce num gozo indecifrável.

Nem tudo são palavras quando a voz  
se inscreve numa superfície plena  
de seduções adurentes, espasmos  
não são da dor a única exemplaridade,  
há impulsos que se escondem em plena luz,  
há luz que não esclarece nada.

Deixar a hora divagar muito devagar  
em pleno êxtase do ínstase, os paradoxos  
são para serem vividos no convívio  
da plenitude intimista, quantas amizades  
não se exteriorizaram em distância  
que faziam do mundo um aperto de mão.

Abraços que se dão a todas as formas  
da humanidade que transluz na brevidade  
de uma vida, homens e mulheres  
já foram crianças nas crianças oclusas  
nos seus corpos indiferentes ao esplendor  
como ao horror de se saberem carne.

Ninguém à frente, ninguém atrás,  
ir é convir que não há paragem  
capaz de introduzir na passagem  
uma dúvida ou um delírio monstruoso.  
Todos vamos pelos caminhos mais ínvios  
que a oferta da sorte devolve ao acaso.

Um riso de um vazio impedido de alma  
escurece o som do próprio sol, ouvir e ver  
não é conceder à covardia a estadia  
para uma justificação indemonstrável.  
Quem aspira a sentir no olhar o clarão  
de um calor que pode ser incomensurável?

Astros à deriva continuamos a passar  
em pés de um tonitruante tumulto,  
ninguém sonha em escapar à tranquilidade  
de um nada. Pode ser a morte, pode  
saber a uma injustiça, é sempre a força  
do destino acariciando o minuto seguinte.

Disseram, não tenham medo! A perdição  
não é uma perda nem uma queda, ir e vir  
destitui a ideia de um qualquer sofrimento  
que pretenda perpetrar-se no escaninho  
do que ainda hoje é vivido como sinal  
de uma sobrevivência em tudo inimaginável.

Há quem se agarre à imaginação da terra  
como uma tábua de salvação, mas o mundo,  
se não vive de uma paixão profunda  
pelo que desmente de possibilidade, atordoa  
todo aquele que instiga no seu sentir  
a ilusão de um pensamento alcançável.

O alcance não é um preconceito da teoria  
que se arvora ao estremecimento do arrepio  
estético, feérico esse conceito não aceita  
a tentativa de uma definição extrovertida.  
Só o cansaço ou a decadência poderiam ter  
como alvo a arquitectura de um momento.

Nenhum momento na sua vivacidade  
e no seu viço deixará que os corruptos  
intentem transformá-lo num monumento  
para servir de destino festivo aos turistas  
desempregados. Nenhum tempo  
tem emprego, nenhuma estase é certa.

De onde se vem não se confunde  
para onde se vai, começo e fim estancam  
a persistência de uma tensão na dança  
entre controversos domínios da memória.  
Já a história não pode subsistir sem a mentira,  
um ocaso na urgência da explicação inata.

Olhos perdem-se na deiscência da falta,  
mas nada falta a quem possui o direito  
de um jeito para viver aquém e além  
do limite imposto pelas leis da cidade.  
Fogos intumescentes alegram a suspeita  
de que não vale de nada o vale de lágrimas.

Não se vai para nenhum fim em vista.  
Avança-se sempre poreticamente em feitiços  
que não podem ser investigados, onde  
se colher um sítio que suporte o lugar  
como uma manifestação da alucinada  
e acusmática fantasia de uma fantasmagoria?

Tudo é horizonte nos limites da percepção,  
nem sempre a terra permite a quem viaja  
demorar-se no sentido implícito da demora.  
Há uma estranheza na estupefacção do tempo,  
olhar em frente não coincide muitas vezes  
com o olhar que se deita de lado.

A praxis é muitas vezes uma poesis  
que se ignora ou desmente, tenhamos  
a coragem de não destruir o mistério  
com congeminações extemporâneas.  
Ninguém exige de ninguém um nada.  
Nada faz de ninguém um alguém.

É-se e não se é como a ligereza da música  
que nos abraça num estreitamento  
atrevido por inusitado, deixemo-nos levar  
pelos impulsos do bem, nadar nas águas  
quase inaugurais como se não se soubesse  
que o saber se sobrepõe ao desejo invicto.

Afinal a vida decorre no que discorre  
como uma língua humana, que fazer  
da humanidade que nos flagela de castigos  
e de poções mais ou menos mitridáticas?  
Sentir em cada sentido o que percorre  
a realidade de uma presença temporária.

É o que se diz quem me diz em horas  
acatalépticas da experiência o outro  
que se move com a desenvoltura serena  
da novidade, para quê infligir-se ao que é  
a intuição que o ser nada mais é  
do que o real? A vida não é viva nem letal.

Desprendida despede-se e dispensa  
qualquer raciocínio do truísmo filosófico.  
Quer ser apenas vivida. Não importa  
como nem porquê, o que a faz mover  
transcende qualquer tentativa de compreensão.  
Não compreender é a única sabedoria.

Tudo o mais são azáfamas de um aqui  
e de um ali, de um hoje e de um ontem,  
ruídos de labirintos predispondo asas  
a quem não sabe voar. Sejamos todos,  
em vez de Ícaros, Ulisses, naveguemos  
onde as marés são insolvências benévolas.

Riso e sorriso alardeiam uma paixão  
pela maravilha do que é, os olhos arregalados  
regalam-se com a existência, esperam  
da inexistência que irrompa como uma sereia  
disposta a cantar o delírio monstruoso.  
Tenhamos a sabedoria de saborear esse orgasmo.

21/1/2014

## VÃO E VÊM

Não há, por mais que insinuem,  
um inverno do nosso descontentamento.  
Não porque não haja um inverno,  
mas porque não há um «nossa».  
Tudo o mais são interpretações  
da realidade onde falha o real.

Homens e mulheres de um hoje  
sempre duvidoso não se consentem  
ser crianças de uma intuição assidente,  
acidentes de destinos não permitem  
que o sonho possa desiludir a verdade  
do que impera como ideologia.

Resta, a quem persiste em desenvolver  
a vida no espaço do tempo, observar  
o que se passa em redor, diz dor  
quem não sabe distinguir do sofrimento  
o que irrompe como dor incoativa.  
Nada a fazer a quem não sabe o que fazer.

Ei-los que vão em exercícios de labor  
os seres que não dispensam o humano,  
que pensarão em suas consciências  
atrofiadas pelas opiniões de todos aqueles  
que ousam uma opinião sobre tudo e nada?  
Ou nem sequer terão ouvidos?

A vida não é cruel nem fácil, é apenas vida.  
Não é preciso ser-se muito inteligente  
para se chegar a essa conclusão.  
Mas não se pode contar com a vida  
para se resolver os problemas que assaltam  
o quotidiano dos que vão e vêm.

O movimento só faz sentido se não for  
em círculo, dizem alguns. Eu acredito.  
Só o avanço traz uma frente, transporta  
de trás os desejos de uma melhoria  
tão concreta que nem a abstracção  
será capaz de destruir um outro mundo.

Não há, para além do que há, um mundo  
que possa ser outro ou vívido, dizem.  
Eu acredito. Os que vão e vêm dos labores  
que os acorrentam a uma escravidão  
que não se traduz pela sua assunção,  
em que acreditam? Que o melhor está para vir?

A ilusão é a outra face do real. Não é,  
como muitos pensam, o seu contraponto.  
Haver não se contenta com o haver.  
Dispersas à ociosidade dos negócios  
históricos, as gentes fazem cálculos  
em meticulosos desgastes da esperança.

Quem sou eu para dar conselhos? Quem,  
de mim que sofre tantas vezes o que goza,  
teria a coragem para se dirigir aos sofredores  
apontando-lhes uma aurora intumescida?  
Só há auroras e crepúsculos para aqueles  
que avançam em sendas tolhidas de obstáculos.

Não é a vida que prende as mãos das gentes  
em amarras insofismáveis, será a cegueira?  
Será o sol, esse desperdício da amizade?  
Será uma nostalgia sem fundamentos?  
O mundo emudece perante a inoperância  
dos que não sabem ser mundo.

A riqueza á uma verdade tão mítica  
que todos aspiram a saboreá-la em sorteios  
da sorte, mas o azar não possui cálculos  
nem tabelas, é um acaso onde a vida explora  
todos aqueles que pensam fintar a vida.  
Só as mãos fazem do animal um saber.

É o que dizem. Acredito? Às vezes uma suspeita  
suspende-se no infinito limite do pensamento,  
errar não é um delito, sentir não é um crime,  
e no entanto é perceptível a tentativa  
de elevação a termos de inexistências  
que pairam ctónicas na intuição abstrusa.

Seria possível uma outra coisa na coisa  
que hoje é possível? Um ser humano  
terá que ser sempre um ser na desumanidade  
do que evolue à volta num turbilhão nocente?  
Indecente a pergunta envergonha-se  
de ser formulada de uma maneira tão infeliz.

Às vezes qualquer coisa acontece na nudez  
da sensibilidade, o quê? A nudez nunca falou  
ou disse o quer que seja. Às vezes, no carinho  
de um escaninho desconhecido ou ignorado  
sente-se como um efluvio o aparecimento  
do indecifrável, um indelével inefável.

Que quererá dizer o que nada diz?  
Que presença é esta que respira na ausência  
do que é? Será uma forma da loucura?  
E essa loucura terá cura? Quem procura o meio  
encontra muitas vezes um fim, o precipício.  
Nunca adivinha o que é um começo.

A língua das populações desprovidas  
é um enigma tão real que abordá-la  
como se nada fosse até parece um azo  
que não se justifica. A justiça dilui-se  
nos acontecimentos que se sucedem breves  
todos os dias e a todas as horas.

Dizem, e a experiência? Pergunta-se, de quê?  
A experiência da experiência, sussurra  
ao ouvido o malfadado clamor do destino.  
Um sorriso de quem não comprehende perfaz  
a incompletude de um pensamento  
que nem se extrapola em argumentações.

Ilusões, ilusões, conclama a chama  
de uma idiossincrasia caseira, por lá passou  
o que teve de passar, idades transpostas  
em memórias que não solidificaram  
o tempo em depravações da história comum.  
Comum de mim sempre quis a comunidade.

Ei-los que vão e vêm, os contemporâneos,  
históricos anonimatos preenchendo tarefas  
que nem são do absoluto, mas apenas  
do capital que se arvora em caminho exacto.  
Não há pegadas nos asfaltos das cidades  
civilizadas, apenas acertos da domesticação.

Escravos de nós mesmos julgamos que somos  
escravos do outro, do patrão, do conselho  
administrativo, da corporação mais ou menos  
bancária. Que fizemos para destruir  
o que nos consome como uma ferida?  
Nada. Preferimos da impotência o servilismo.

Um calor quase letífero afaga-me e afoga-se  
no meu rosto empobrecido pela vileza  
consentida. Quantas e quantas vezes  
não me saltou à consciência esmorecida  
a frase obsessiva, se eu fosse um exército,  
se eu fosse a humanidade. Não fui, não sou.

Vejo apenas passarem os que passam,  
amor, dos meus anos despedido, vejo  
tonitruantes gritos de quem nem grita.  
A solidão não é um sentimento. É um caso  
sociológico. Também eu passei em ruas  
que nada me diziam, em ruas cruéis.

Só há senhores porque há escravos.  
É um quase truísmo. Só há senhores  
porque há escravos. Não os vejo passar  
à frente da minha porta, mas passam.  
Aço para todo o canhão que se esconde  
em negociações disto ou daquilo.

Como me contentar com o que foi e é  
na distância do que poderia ter sido?  
O descontentamento não escolhe estações,  
estacionado no mundo como o conhecemos  
até parece natural alimentar-se do real.  
Irreal perfilo-me homem sem conteúdo.

Poderá haver alegria onde impera a tristeza?  
Que vontade não desdenha do voluntarismo?  
Aceitar o que é como se nada fosse?  
Este «como se» arde na intempestiva noção  
de um menos que conceito, é um estigma  
queimando qualquer imposição do paradigma.

Há avanços, talvez, que sejam círculos.  
Elipses não são só eclipses, podem advir  
hélices propalando experiências de vida,  
fogosas metamorfoses de um volante  
que revoluteia na imensidão de um futuro.  
Há furos que irrompem na aporia.

Espelhos lançam ao sol reflexos terrestres  
de outros sóis, urdiduras de artimanhas  
nas malhas do insólito, será suficiente  
desejar-se um bem? Que nos falha, ó nada?  
Quem nos impede de sermos mais?  
Que mais se perde na vergonha do menos?

Há uma alegria algures feita de corpo  
e de eclosão, um contentamento epulótico,  
uma manifestação brejeira de se estar a ser.  
O ser pode ser uma invenção, e depois?  
Não precisamos de nos inventar todos os dias?  
De nos fazermos, finalmente, companhia?

22/1/2014

## REPETIÇÕES DE CITAÇÕES ABUSIVAS

Quantas vezes escrevi, não falo do ser,  
mas da passagem? Não da passagem  
de um período a um outro, de uma época  
da vida a uma outra, mas do dia a dia,  
de cada breve minuto que sobrevém  
na ignorância do que é uma realidade.

A escrita como a concebo deve testemunhar  
as mínimas variações do pensar e do sentir.  
E ser sensível às mais pequenas coisas  
que a vida nos oferece como se nada fosse.  
Quantas vezes o disse, incompreendido  
ou mal lido, não corrijo o que escrevo.

Meu fito foi e é apresentar as divagações  
das tonalidades afectivas e perceptivas  
no momento da sua eclosão. Os porismas  
fazem apelo, directa ou indirectamente,  
a outros porismas explicitados nos livros  
que desbordam de mim como errâncias.

Muitas vezes contradizendo-se,  
ou simplesmente aferindo divergências.  
Cada actualização ocasional de um sentir  
ou de um pensamento ou de uma intuição  
expõe uma estranheza consuetudinária  
com as suas primeiras manifestações.

Como se nos fosse até difícil reconhecer  
que um escrito, uma vez expresso,  
tivesse saído das nossas mãos curiosas.  
O tempo contém os seus segredos,  
a experiência do homem não os tem menos.  
Tempo e espaço são emoções transientes.

Não preciso da metafísica para aceitar a experiência da escrita como variações do confronto com o real, nem desminto o papel do acaso na invenção perpétua que propaga a porética em avanços que só findarão no arremesso do fim.

De mim, ou da obra em que me faço eu.  
Engendrar qualquer coisa como escrita  
advém da imprevisibilidade adstrita  
que nos impede de fazer coincidir o ser  
com um qualquer sentido. O sentido  
nada mais é do que um acto incerto.

Nada nos pode conceder a verdade,  
as verdades são eclosões do momento.  
O momento vivido frágil linguagem  
depende de tudo o que nos cerca.  
O pensamento não brota de um passado,  
erige-se como uma memória do presente.

Os porismas datados designam a ordem  
de uma prática contínua, um critério  
interno ao encadeamento dos eventos.  
A escrita porética é dialógica, inscreve-se  
no livro como relações de experiências  
com experiências, de toques com toques.

De abraços do que foi com o que é.  
Nada mais erótico do que a contingência.  
A porética não é uma autobiografia  
que se desconhece, antes tira partido  
da descoincidência entre o que é  
e o que poderia ou poderá ser ou não ser.

Escrever, essa praxis transformando-se inexoravelmente em escrito ou rastro, esse resíduo que fica depois do feito e do facto, não tem como fim a descoberta da verdade ou do conhecimento, procura apenas a afirmação da sua liberdade.

Esse movimento singular e imperfeito tem a possibilidade de se diversificar infinitamente, valendo por si próprio. Livre, a escrita esquiva-se das estéticas totalitárias e das doutrinas impostas, evitando assim o perigo da paragem.

24/1/2014

## CONGEMINAÇÕES

Dai que o daí faça, quando faz,  
algum sentido. Insentido embora.  
Uma alegria escancarada embeleza  
a digressão pelo que chamam  
muitas vezes de loucura, a loucura  
é a impotência dos covardes.

Abro as mãos como se nelas  
houvesse um mundo desconhecido,  
só há linhas, de força ou de fuga?  
Reconheço as feridas vindas  
de experiências passadas, esqueci  
o passado que não deseja o presente.

Não há oferta nem sabedoria  
no tempo volvido como memória,  
só há, às vezes, fantasmas deléveis  
ousando auferir de uma consolação  
que lhes é impossível. A língua  
não averba nenhum regresso atrás.

A emoção, sentir, sentir que se sente  
quando o desconhecido se faz  
presente, de onde se veio, para onde  
se irá? Disse-se, do nada ao nada  
é a viagem pelos caminhos  
mais dispersos da humanidade.

Humanidade é o que falta tantas vezes  
à humanidade. Vive-se sempre  
na perda de uma perdição saudável,  
que caminho tomar, que palavra  
dizer diante do que nos consente  
como vida? O acaso ignora o destino.

Obsessões deflagram no mericismo  
de ideias quase intelectuais,  
ver poderá alguma vez deixar  
de ser uma qualquer ideologia?  
Que ilusão se pensa liberdade?  
E porquê? Com que razões plausíveis?

Diz-me ele, desculpa lá, mas isso  
não é poesia. Quem disse que era?  
Que sabes tu de um isso? Diz-me,  
o que é a poesia? Arfa o silêncio.  
Será essa a resposta? Há algo  
algures que se julga consciência.

Das gentes? O desejo tão grande  
de abraçar num remorso sadio  
as pessoas que passam pela história,  
mas que ciência ousaria prever  
uma ocorrência do diáfano acaso?  
Um preconceito é um conceito prévio?

Predestinado? Onde estão os homens  
e as mulheres e as crianças de hoje?  
Em que mundo vivem? Nas palmas  
das minhas mãos? Impossível.  
Nas mãos espalmadas vejo vestígios  
de acontecimentos, não presenças.

Que ausência encobre os homens  
e as mulheres e as crianças de hoje?  
Ninguém responde. Ninguém  
responde a ninguém. Ninguém  
responde por ninguém. Ao facto,  
chamam-lhe ainda liberdade.

Fecho as mãos até se tornarem  
punhos, que força prodigalizo?  
Nenhuma. A vida decorre  
no que passa por ser vida, deste  
ou daquele, como se fosse natural  
haver estes e aqueles aqui, algures.

Não é. A natureza vive de outras  
leis, ignora de todo o que é homem  
ou mulher ou criança, passa  
indiferente à vida de quem passa  
como se uma personificação  
não temesse o riso dos demais.

Risos em pleno dia, ouço-os,  
dos adolescentes que se espevitam  
em recreios ocasionais. Terei  
a coragem para me levantar e ir  
até à janela? Não é necessário.  
Inútil o esforço. Eu sei o que veria.

Saber o que se veria, o que se poderá  
saber que se irá ver de antemão  
significa apenas que o mundo  
não muda, mudo de substância  
e de desconhecidas possibilidades.  
Surdo às injunções do sofrimento.

Mas o mundo muda, diz-me alguém,  
todos os dias, a todas as horas.  
Acontecimentos que podem ser  
paralisados em imagens definidas  
pela melhor técnica da idade  
que se vive testemunham dessa verdade.

Estranha verdade, a dessas imagens.  
Só uma catástrofe ou um desastre  
atrairia as imagens a este recreio  
de uma escola perdida na ideia  
que se faz do que é a educação.  
Que mudaria do mundo? Nada.

Minhas mãos, abertas ou fechadas,  
nunca souberam fazer-se mundo.  
Como as mãos desses homens  
e dessas mulheres e dessas crianças  
nunca saberão fazer um mundo.  
Mas nenhuma certeza é certa.

Fazer um mundo é muito mais  
do que emundar a terra.  
É trazer no corpo o desejo  
de qualquer coisa, de uma coisa  
que não coincida com o prazer  
ou a dor do hábito onde se habita.

Não é mundo ou futuro quem quer.  
Algo nos ultrapassa na ilusão  
de que não é preciso fazer nada  
para que o nada do que é possa ser  
mais do que nada. A vida  
esconde-se na sobrevivência.

Não é um facto consumado,  
verdade, mas, e se nunca se consumar  
como facto? Um sol quase obsceno  
irrompe no céu enublado,  
para quê tanta congeminada?  
Gozá-lo! Gozá-lo! A janela apela.

Nuvens deslizam para sul  
em migrações incompreensíveis,  
deixam agora, num desleixo  
quase humano, passar a luz do sol  
que me toca no rosto hiemal.  
Este calor, senti-lo na carne.

Esta carne que não reconhece  
o corpo nem como palavra  
nem como coisa, esta carne sabe,  
suspeita, talvez inconscientemente,  
que, mais dia menos dia, o sol  
não terá nenhuma razão de ser.

O recreio não está completamente  
vazio. Um par de jovens, rapaz  
e rapariga, atrás de um dos edifícios,  
abraçados numa contorção  
feérica, arremessam língua  
contra língua em bocas mádidas.

Não há idade para se aprender.  
Há este paradoxo sem contradição  
palpável. O atrás em que estão  
corresponde à frente desta janela.  
O que é o real? O que é a verdade?  
Perguntas abissais e sem resposta.

O que resta do mundo são restos  
de ideias paradoxais exploradas  
pela loucura humana, o que resta  
do sol é a esperança de que mais  
tarde ou mais cedo reaparecerá  
novamente no céu como um sol.

Solidão terrível, a do universo.  
Solidão terrível, a da humanidade.  
Que talvez não exista. E seja só  
uma ideia louca transposta  
pelo desejo de uma generalidade.  
Haverá um sol no pensamento?

Medido pela meditação perco  
pouco a pouco a ideia do que estava  
a fazer, estava a fazer alguma coisa?  
Ah, sim, escrevia. Escrevia  
que escrevia e que pensava  
sentir com isso uma alegria breve.

Estou a sentir a alegria. Talvez  
estúpida, mas mesmo assim alegre.  
Estar vivo merece de quem  
quer que seja uma tautologia,  
onde encontrá-la, para onde  
encaminhá-la? Eu sou eu.

Abrir caminho, ouço-me dizer,  
abrir caminho onde não há  
caminho nem direcção, mas isso  
importa? Avançar, avançar, sempre  
em frente, indo, indo no enleio  
de que ir é mais do que caminhar.

Sendas que desbravei, onde estão?  
Não as vejo em parte alguma.  
E no entanto houve um outrora.  
Por que não demorou essa demora?  
Tudo é passagem, haja ou não  
mudança. Mesmo do mundo. Muda.

Vozes que proferi, onde estão?  
Passos que dei na terra contestável,  
onde as pegadas? Nada. Oh, sim,  
algumas palavras arremessadas  
para páginas em branco perfilam-se  
em livros que nunca foram lidos.

Tê-las escrito em papéis da urgência  
é como se não tivesse vivido,  
é como se estivesse toda a vida  
atarefado em saber o que era a vida,  
incapaz talvez de sê-la  
por não sabê-la ou reconhecê-la.

Não tenhamos ilusões. Vivi. Sim,  
vivi. Sobreviver também é viver.  
Deve-se fazer a diferença?  
Para quê? Já não basta o sofrimento  
de quem, humano, nunca se sentiu  
humano, falho dessa oportunidade?

De que serve acusar a humanidade  
de ser só humanidade? O bem  
e o mal até convêm para que haja  
uma certa ordem na terra.  
Um certo equilíbrio. Só há pobres  
porque há ricos. O laço é real.

O sentido de tudo como do nada  
é uma quimera, um delírio,  
uma falsidade da bondade piedosa.  
As gentes são o que são.  
A história é uma memória  
mal vivida, mal contada.

Bem contada seria memória?  
Só a memória do presente cede  
ao futuro uma história verdadeira.  
Tudo o mais é imaginação feraz,  
facúndia de quem escreve  
pensando transcender a hora.

24/1/2014

## UMA ATMOSFERA

Não é bem uma indisposição,  
é uma atmosfera que pretende entrar na esfera  
das minhas sensações como se houvesse um direito,  
algures, para se poder fazer sofrer o outro.  
O outro sou eu. Sempre fui eu  
em qualquer parte do mundo que foi.

Os olhos cansados de tanto cinzento  
cinzelam-se nas incorruptíveis metamorfoses  
do que se denomina de nublado,  
que sol me abandona nestes dias toldados  
por uma ausência que nem sequer é filosófica?  
Onde estou? Em que real existência?

Desmesurado espero que, mais dia menos dia,  
o brilho do sol irrompa na consciência  
perdida em deambulações exangues,  
que fazer para trazer até mim um resquício  
que seja da alegria que me dá alento?  
Sol e alegria não soletram agora nenhum amor.

Sobreviverei? Que se passa lá fora?  
Aqui só há palavras de uma língua amena,  
poderei por muito tempo me proteger da aflição  
que toma meu corpo em arrojos de uma perda?  
Dizem que perda e perdição são duas coisas  
diferentes, não acho nenhuma diferença.

Não achar é um sério problema.  
Concutido pela culminação do que acontece  
teço-me de subterfúgios para enganar a hora,  
conseguirei? Escrever é um remédio?  
Mitigado pelas doses mitridáticas que o real  
me impõe procuro apenas um porto epulótico.

Já fui Ulisses na mitologia pessoal,  
já fui Prometeu não prometendo mais  
do que o mais de uma ousadia,  
sempre me senti Moisés às portas de um futuro  
que advindo não me reconhece como chave.  
Ulisses, Prometeu e Moisés são ilusões.

O céu cinzento não expele, redundante,  
cinzas amorfas sobre a terra onde se vive,  
que mistério é o gesto da catacrese  
para me catapultar a dimensões inexauríveis  
do que nem sequer pode advir sonho  
de qualquer coisa que subsista no tempo?

Indisposto o espaço que me envolve de ecos  
siderados pelos sibilos da inclemência,  
abriga-me nos solecismos que a língua oferece,  
ciente de que algures um refúgio  
também poderá ser mundo, e mundo  
se abrirá numa convulsão de apaziguamentos.

Pode-se lutar contra quase tudo,  
não se pode esboçar uma batalha diante  
de um exército que se desdobra num manto  
em que nem se pode distinguir das nuvens  
as nuvens que revestem a terra de lassidão.  
Deitar-me na cama e tentar dormir será a solução?

Não sou criança e no entanto sinto em mim,  
dentro e fora, uma criança atónita e estupefacta,  
incapaz de brincar, incapaz de jogar  
com as vicissitudes do tempo atmosférico.  
Uns olhos despedaçados pela crueldade  
do real vão e vêm do que não podem ver.

Se houvesse algures uma imaginação salvadora,  
penso, se pudesse acalentar uma fantasia  
que me libertasse do peso do que é,  
mas não, a poalha que cai em cadências  
esvoaçadas continua líquida  
como se fosse natural ainda haver natureza.

Melhor descer pé ante pé até uma fundura  
do que se consente como possibilidade,  
melhor afundar-me num esquecimento  
que me traga algum alívio, mas onde a passagem  
para um horizonte que não fosse exportado  
para fora deste apartamento introvertido?

Avanço, sei que avanço, serei tempo?  
Ou é o tempo que me transporta hora a hora  
pelos dédalos da incompreensão?  
Sentir a incomensurável solidão da presença  
é como admitir que na ausência do que é  
nenhum nada poderá sobreviver ao pensamento.

Sensibilidade atroz trucidando um corpo,  
destruindo os laços que governam os escaninhos  
da memória, se pudesse ser o que não sou  
numa outra disposição das coisas,  
incomensurável esplendor do sofrimento  
que de humano só recolhe o grito do desespero.

Que fazer deste dia, desta manhã, da tarde  
que virá eivada de predisposições para sentir  
a beleza de tudo quanto existe como uma luz?  
Quais as tarefas? As alienações? As azáfamas?  
Trabalhar poderá desmerecer, talvez, a tortura  
de onde eclodiu quando a língua era incoativa.

Passar o dia a escrever sobre esta tela  
quase cinematográfica levar-me-ia a conceber  
o cansaço como uma tentativa de suicídio,  
ainda não cheguei a esse ponto de chegada.  
O movimento desprende-se da nomenclatura  
das coisas e despenha-se no abismo da estase.

Terá algum futuro o que aqui se experimenta?  
Haverá vida para o que desmente a vida?  
Sobrevive-se na subvivência mais angustiante,  
terei que comer amanhã? Haverá uma noite  
no fim do dia? Haverá uma manhã  
no amanhã das concomitâncias incertas?

E sol? Haverá sol amanhã? E no dia seguinte?  
Que serei eu sem as baterias anímicas?  
Um frangalho? Um desperdício? Uma morte?  
O real é de uma crueldade inexcedível.  
Não porque seja um excesso,  
mas porque excede todas as expectativas.

Fulgores amantes são por vezes nitescências,  
enleios de um brilho que se reflecte no céu azul  
e limpo de paisagens cósmicas, meus pais,  
os verdadeiros, nunca foram filhos de ninguém,  
talvez por isso me sinta alguém na dor  
que se desvela como uma exteriorização do ser.

Ser ou não ser, viver ou não viver.  
Erra na língua uma sensibilidade destituída.  
Onde os afluxos e os fluxos, as passagens  
divulgando aquis e alis, os caminhos abertos  
com a força de uma intromissão humana,  
divagações de uma verdade querida essencial?

A verdade multiplica-se em verdades,  
plurais metamorfoses de conceitos irrompidos  
na ignorância da civilização ocidental,  
a minha verdade, a tua verdade, a verdade dele  
ou deles, sinais de uma reverberação,  
aspirações a uma justiça que ate os homens.

Eis-nos nós de nós que evoluem pelas teorias  
que deflagram no clangor tonitruante  
do que não se atreve a ser um caos, explosões  
não são alimentação para toda a gente,  
as gentes, se as conheço minimamente,  
nada mais desejam do que viver em paz.

Não se vai para onde se vai da ambição  
de um ir que se desprendesse do passado,  
passado o delírio e o entusiasmo de um feito  
nada mais resta que a escravidão  
de formas de vida enformadas do disforme  
cataclismo em muitos sentidos ctónico.

Só mais um passo, só mais um passo.  
Nenhuma voz, lúcida ou feroz, fere de temor  
ou de insinuações, a portada está a dois passos,  
o cinzento indisposto consigo mesmo  
materializa-se numa massa compacta,  
a luz que entra no quarto infiltra-se nesta tela.

Miragens. Um deserto húmido  
não deseja ser márido, comprehende-se,  
quando a unicidade é uma temperatura  
de equívocos sentimentais,  
aventura de mal-entendidos sussurrados  
aos ouvidos das percussões sonoras.

As palavras distendem-se em sonoridades bem-vindas, não se poder formar com elas casulos que nos protegessem das janelas quando a atmosfera persiste em fazer sofrer e não desiste de permanecer como se fosse seu direito ter uma existência.

Respeitemos o inevitável.  
Só o realismo poderá moldar a libertação, tudo o mais são vozes demagógicas eclodindo nos meios de propaganda. O mal propaga-se na invisibilidade em que prospera, essa outra atmosfera.

Não há fuga em frente nem regresso atrás. Traz o acaso este manto que desconhece de todo o que se entende por diáfano, que fazer? Conviver com o que é talvez seja o acto lúcido por excelência, sofrendo-se cada minuto que passa. Há momentos que não são instantes.

28/1/2014

## OU MELHOR

Impreciso e inalcançável como só poderia ser  
um homem, ouço a indecisa sonoridade  
dos Vondelpark questionando a realidade  
deste momento entregue a uma experiência  
tão fugaz que jaz no que se escreve  
a estupefacção por haver ainda uma vida.

Um sol anelante percorre lentamente  
o azul de um céu atravessado de plenitudes  
brancas, nuvens são os nomes que se deram  
ao que se dão ao olhar curioso.  
Ver é ouvir, ouvir é ver. Cada som toca o real  
como uma porosidade advindo nuvem.

“Seabed” não deixa de ser um bom título.  
Aceito-o como quando me apetece aceitar tudo,  
afinal a beleza existe e não é um pecado  
nas éticas que certas estéticas proclamam a olhos  
vistos.  
E ouvidos. Um prazer, sentir este sol neste som,  
sentir como um corpo a quentura do sol.

Há tanta música que desconhece a música!  
Estas nuvens que deslizam no tempo  
de uma melodia nunca alcançarão o fervor do sol,  
passam sedosas e tumefactas na culminação  
de uma cor toldada por um branco impreciso.  
Que quis dizer com o que acabo de escrever?

Não faço a mínima ideia, diria a língua de todos  
os que sabem usar esta língua.  
Mas esta luminosidade no interior do quarto  
não é um mundo de perfeições abstractas,  
é qualquer coisa que a todo o instante  
muda nas peripécias de que é feita e desfeita.

Uma voz sobrenada as harmonias do que ouço,  
imagens de sereias introduzem-se na minha cabeça.  
Que inteligência é esta? O que é uma percepção?  
A sensação de um aquático equilíbrio  
quase me faz baleia, mamífero de mim mesmo  
ousando pressentir o que já foi sentido.

O casario desmembra-se em edifícios.  
Em frente as cores de fachadas periclitantes  
assumem uma sensibilidade que não é própria  
das coisas, estarei num outro mundo?  
Como, se só há este mundo? Fecho os olhos,  
abro os olhos, o real, dizem-me os meus ouvidos.

De vez em quando há músicas que se inauguram  
na presença de um sentimento inexpressivo  
e inexprimível, um gozo este denodo  
da expressão impressionante e impressionável  
que nada mais procura que a cura  
para os males que infestam a consciência.

Outrora, estúpido, diria, estou miraculado.  
As asneiras que se sussurram em horas desfibradas  
pela dor do sofrimento! Agora desejo apenas  
que o que passa por música e por sol  
perdere mais alguns minutos, a serenidade  
é uma mão acariciando uma inefável fisicalidade.

Corpo a corpo aqui estou, homem de todos os dias  
sem pretensões a artes maiores ou menores.  
Fala-se de San Diego no que se canta,  
uma súbita memória precipita-se, lá estive,  
lá estive, mais de uma vez, e um sorriso  
desprovido de qualquer nostalgia aceita o repto.

Precipito-me, dando meia volta no quarto inflamado de uma irrealidade insustentável, para o computador. “California Analog Dream” é o nome do que perpassa, só poderia ser, digo a mim mesmo, certo de que há um mim e um mesmo, mesmo que pareça impossível.

Mas a portada atrai-me como se algures na luz do sol houvesse uma luminosidade só minha, ilusões são sonhos análogos às canções que estou a ouvir. Uma gaivota extemporânea surge em devaneios de voos descapitalizados, que seria de mim sem uma catacrese?

Voa solitária em evoluções de fantasias, como explicar a sua presença tão longe do mar? Estar a ouvir o que estou a ouvir, este “Seabed”, não justifica nada, nada prova no contexto intempestivo desta realidade que sucede de momento a momento como uma viagem.

Mas há coincidências, acasos, não haja dúvidas. Sorrio como se fosse alegre a alegria que estou demoradamente a sentir, às vezes até o insentido de tudo o que é ser parece fazer algum sentido. O contrassenso só existe nas lógicas dos velhos conhecimentos.

Voa a gaivota em elípticas transformações do espaço adurente, o mistério assoma sem o «como se» que galvanizou tanta percuciência da imaginação humana na ficção inusitada do que poderia ser. Aceito o derrame dos sentidos como uma predisposição breve.

Para fazer feliz a hora que agora perpassa  
sinto que tenho que admitir um acontecimento  
no seio desta escrita, acontece, porém,  
que a música emudeceu, um silêncio aracnídeo  
deixa-me envolto em repercussões  
que não diviso como necessárias ou fatídicas.

Onde estive do que estarei? Ou melhor,  
onde estarei do que estive? Incapaz de ver  
uma resposta no horizonte do pensamento  
procuro na intuição uma experiência.  
Que me diz o que não sei se existe?  
Que me diz a existência do que não sei?

A ignorância é um enigma sem oráculo.  
O silêncio não eliminou o sol nem as nuvens  
que se dirigem para leste, esse oriente  
das desorientações tacitífluas e hilariantes  
que se contrapõem ao ocaso de civilizações  
que sucumbem no mar das lamentações.

Passei tempo no tempo, único e despercebido  
no singular mimetismo da opacidade anónima.  
Entre o silêncio e a música, plena voz,  
dediquei ao mundo plurais manifestações  
da contemporaneidade, logros e crueldades,  
solicitações de um amor quase humano.

Desfigurei-me para figurar um rosto plausível  
na emoção da estesia, abri as palavras  
para poder ouvir a música que elas cicavam  
ao ouvido curioso. Senti muitas vezes  
a odisseia que traziam nas suas malhas,  
mundos passados exigindo ser novo mundo.

Assente no chão da terra compulsei livros  
que apontavam para sóis que já tinham sido,  
uma infinita piedade adoçava-me o coração,  
se pudesse trazer novamente ao céu  
esses revérberos de existências desaparecidas,  
povos que tinham povoado esta mesma terra.

Tentei. A tentação foi tão abissal  
que muitas vezes me perdi em caminhos  
que não levavam a nada. Haverá,  
porém, outros caminhos? O fim é sempre um fim,  
para quê crer ou fazer de conta que há mais  
do que essa destinação sem destino?

Não há um longe sem um perto.  
Há momentos que nos catapultam para lugares  
desconhecidos ou incompreensíveis,  
tão longe da terra que o próprio sol fica aflito  
por não perceber em que órbita se habita.  
Habita-se sempre esta terra, e para sempre.

Pouco a pouco o volume das nuvens ligeiras  
adensa-se numa impenetrável massa,  
desaparece o sol sem que deixe de existir,  
algures no céu, algures em quem se é,  
uma ausência temporária, mesmo se vulnífica.  
Impreciso futuro de um estar imperecível.

30/1/2014

## A VOZ HUMANA

Nunca não ter nada para dizer me foi tão caro!  
Sinto como um alívio o desejo de ser  
o que não sei se sou,  
um homem algures na terra  
povoada pelas mais diversas populações  
que conseguiram sobreviver à passagem do tempo.

Mas a memória procura pregar-me partidas.  
Do presente que é tenta enviar-me para passados  
como se houvesse no corpo um espírito,  
exigências que não comprehendo  
nem como chamamentos do inexistente  
nem como provocações da nostalgia.

O que não existe é só futuro.  
O que foi esvaiu-se em esquecimentos  
que me permitiram abrir caminhos no acaso  
da vida. Mas sinto, agora, que o esquecimento  
tem as suas estratégias e a sua vontade de poder  
para se impor enquanto necessidade.

Não é na vigília, que mantenho vigilante,  
que essas imagens de um outrora quase mítico  
surgem em apoplexias de circunstâncias,  
são os sonhos que me impingem  
distorcidas eclosões do que talvez tenham sido  
experiências de ocorrências desaparecidas.

Apetece-me pois, em sintaxes convolutas,  
dizer, se for possível, o que não pode ser dito,  
percalços sem substância, alegorias de formas  
que saltam do ramerrão para elucidar  
de inteligência o interesse intuitivo do presente.  
O que nada tenho para dizer diz-se e diz-me.

Leio o mundo no que me serve de redor.  
A casa está no seu lugar, os lugares vão mudando  
imperceptivelmente cada dia que passa.  
Passo como se houvesse em mim uma sabedoria  
que sei não possuir nem almejar.  
Ilusões são doenças para toda a vida.

Desejo a saúde. Do sofrimento já me bastou ter  
que assumir no eu que sou um sujeito  
sujeito às maiores desavenças das intempéries,  
naufrágios em que apenas sobrevivi  
para ficar com a impressão de que viver  
não tinha mundo nem qualquer relevância.

Desejo o sol. Todos os dias. Mas os dias  
falham nas suas atmosferas arbitrárias,  
aleatórias manifestações de manifestas realidades  
coarctando a tentativa de se ser a alegria.  
Que diz este surrado palimpsesto da existência?  
Que traz em si que não seja só um si?

Tão bom não se compreender o incompreensível!  
Deixar o mundo ser o que tiver de ser,  
procurando em acções práticas fugir do mal  
que absorve as faculdades obsessivas de gerações  
incapazes de se decidirem na escolha  
de uma via. Abrir caminho é uma prática solitária.

Abro-o todos os dias como se nada fosse.  
Agora isto a fazer, agora aquilo a dizer,  
sozinho ou acompanhado, mas sempre perplexo  
por sentir que não estou muito bem a compreender  
a complexidade de tudo o que perpassa  
num anseio de advir acontecimento ou história.

Ouço os que falam, de longe ou de perto,  
maravilhado por sentir um greguíssimo «thauma»  
diante de cada voz que profere uma convicção,  
um argumento, uma opinião, uma verdade.  
Tudo me intriga no que dizem, tudo me instiga  
a ouvir como se nos sons houvesse palavras.

Reconheço-as como se fossem minhas,  
não alcanço porém o sentido quase preciso  
do que lhes obrigam a desvelar.  
O mundo é coisa estranha, aparece e desaparece  
com o mesmo à-vontade do capricho.  
Um enigma no paradigma da imanência.

O amor que sinto pela voz humana!  
O desejo de língua pela experiência dos outros,  
nunca fui um outro para quem fui,  
sou e serei sempre dois ouvidos dirigidos  
tanto ao cosmos como ao caos,  
o prazer de conviver com o que se acha ser.

Acho-me numa encruzilhada sem caminhos,  
no porético desvio de uma angústia  
que solapou os alicerces da esperança,  
regressar atrás ou ir em frente?  
Vozes chamam-me como se houvesse havido  
um desmedido desenlace da possibilidade.

Acordo e adormeço sem medir as consequências  
do que faço, teria ou terei uma alternativa?  
Nada dito no que se escreve sobre esta luz  
cinematográfica, o movimento é das palavras  
que se extravasam procurando sair de mim  
como se trouxesse a peste nas minhas entranhas.

Mas sou apenas um homem.  
Fraco, imbecil, envelhecido. Envelhecido,  
é o eco que deflagra como uma inóspita demora.  
Chegou a hora? De quê? A morte não pode ser  
esta saída compulsiva dos vocábulos amados,  
será que me perdi no que achei de novo?

Será que faço demasiadas perguntas?  
Nunca ter criado um mundo deixa-me imundo  
numa sujidade porosa e depressiva?  
Deveria, se pudesse, ter fintado o real  
para nele criar uma realidade que fosse habitável?  
Que incapacidade me foi tão negativa?

Se o mundo me foi cruel, como foi,  
por que razão não ter tecido um casulo  
na impropriedade das coisas que fazem o mundo?  
Por estupidez? Por orgulho? Por desafio?  
Resistir à ilusão, se não foi a palavra de ordem  
foi um imperativo que me propus.

Sair deste atoleiro, digo agora, sair daqui,  
esta fala não adquire nenhuma voz, nem uma voz  
consentiria desterrar-se deste corpo convulso.  
Avulso nos meus pensamentos falhos  
falho o propósito de não dizer nada no dizer  
que acalento como uma bôia de perdição.

Perde-te, perde-te, sussurra a canção quotidiana.  
Quem me fala? Quem se atreve a intrometer-se  
na vida que penso que é minha?  
Olho para todos os lados com um carinho  
que me é insuportável, terei que amar o amor  
sem uma substância, sem um arroubo?

Uns lábios desdobram-se num sorriso sorrelfo,  
que assombro neste clima, nesta clareira?  
Mas não há nenhuma clareira,  
nenhuma encruzilhada, só há o avanço  
paulatino no caminho que traço com os pés  
pisando um chão tão sólido como uma pedra.

Aceita o regresso ao volvido, ciciam os fantasmas  
do passado em doces cânticos, vive a tua morte  
como um voltar atrás da tua vida,  
volta ao que foi, volta teu ouvido para o olvido  
e ouve o que houve em acontecimentos  
que te selaram ao selo eternamente eterno.

Onde está meu pai? Respondo perguntando.  
Morto. Onde está minha mãe? Morta.  
O passado já passei. Para quê alçar na memória  
as cenas e os factos, as causas e os efeitos?  
Não preciso de ser pai de mim mesmo.  
Mesmo se precisei de um pai e de uma mãe.

Para ser quem sou atravesso-me de vida,  
vivida e imaginada. Amei. Odiei.  
Não me interessa acalentar vícios do possível,  
do que poderia ter feito, do que poderia ter sido.  
Nada fiz e nada sou. Para onde vou  
não interessam os itinerários nem as intenções.

Esbarro no que narro? Talvez. O presente, aqui  
e agora, dá-me a memória do que está a acontecer,  
escrevo sem saber onde houve uma partida,  
onde haverá uma chegada, mas sei que chegarei.  
E essa certeza não é amarga. A natureza  
saberá fazer de mim uma natureza humana.

Não, não chorarei uma lágrima por quem  
não serei. Ser nunca foi uma exigência  
da minha parte. Apareci, desaparecerei. Tudo  
resplandece de tudo o que há,  
haver é o maior carisma de um carinho  
que se devolve à eclosão das coisas.

O nada que talvez tenha sido dito  
não merece de ninguém uma atenção especial,  
passem aqueles que são incapazes de ler,  
a ignorância não é um crime.  
Talvez não haver leitura no que escrito  
ficou deste delírio seja a mais certa leitura.

Não é solidão o que é. O que é apenas é  
sem como nem porquê, uma língua tentando  
uma sensibilidade a sentir e a pensar  
que pode ser presente a presença de tudo.  
Este tudo não é o antónimo de um nada.  
Nada a dizer aceita-se como pletórico tudo.

31/1/2014

## BLUES

Velhos blues insistem em não ser velhos,  
ei-los em novas formas de gerações mais sensíveis  
ao que poderia ter sido do que foi.

Tradição não é uma palavra feia.

As traições são sempre contemporâneas  
de um presente, não são presentes extemporâneos.

Como se pode invejar o que já não existe?

Claro que ficaram as marcas dessas músicas  
em ouvidos insubstanciais ou em subterrâneos  
de folhas perdidas aos ventos de eventos  
que tiveram lugar num há muito tempo.

Mas que sons não desejam ser actualizados?

Quem pega num passado passa a limpo a poeira  
que se depositou em emoções vividas  
e procura traduzir num novo sentir  
esses outros que ousaram dizer uma paixão  
ou a simples eventualidade de uma realidade.  
Transformar o que foi num é sabe a um avanço.

Pode ser apenas uma ilusão, como diriam todos  
aqueles que não acreditam em progressos,  
mas o poder ser traz consigo uma força  
que eleva a existência a uma razão de ser.  
Razão e paixão não têm que ser incompatíveis.  
Basta a coragem de se enfrentar o paradoxo.

Estes blues que agora farfalham de novidade  
em arranjos que nem poderiam ser imaginados  
num outrora de parcós instrumentos  
percorrem os ouvidos de insinuações  
de um possível, e se esse possível fosse possível  
noutras paragens da actividade humana?

Tentar, tentar, abrir espaços de uma realidade que revoluteie pelo estupefacto real, há gestos que nunca serão compreendidos nem hoje nem amanhã, essa incompreensão é o testemunho mais evidente de que ser pode revestir vestes das mais variegadas cores.

Ouço estes blues como se um corpo jovem ousasse desejar introduzir-se na consciência que faço de mim, sei que é uma tolice pensar como possível essa arrogância do poder humano, mas é com um quase amor que rejuvenesco em lugares nunca por mim pisados.

Há muito mistério na determinação dos efeitos dos factos, não digo o contrário, digo que fenómenos sem uma evidente ciência irrompem por vezes na devolução que perpetram em acasos imarcescíveis. Estes blues deixaram de ser velhos ou jovens.

3/2/2014

## PLANTAR

Plantar árvores que de tão jovens  
talvez não tenham tempo de dar frutos  
a quem as planta, poderá ser uma vesânia,  
mas não é uma operação inútil.  
Um esforço inaudito, no frio do inverno,  
abrir covas capazes de receber sedentas raízes.

Homem e mulher em tarefas vegetativas  
ondulam pelas excrescências convexas  
do terreno húmido, passos que se dão em ervas  
que crescem como se a natureza  
fosse cíclica. Ciclicamente, ano após ano,  
o homem e a mulher irrompem na natureza.

Não é por mal. Nem por um qualquer espírito  
de vingança, mas ver na primavera flores  
explodindo nas ramagens apocalípticas  
é um prazer para olhos cansados de fealdade.  
O mundo das cidades não esconde mais enigmas.  
Passantes foram invenções de séculos volvidos.

Labirintos foram nublosas efabulações  
de intelectuais boquiabertos diante das ruas  
que se perfilavam, ora rectas ora enviesadas,  
entre edifícios levantados para albergar  
os ricos e os pobres de um tempo  
que se pensava novo. Nova mistificação.

Não havia unanimidade nas correspondências  
que se libertavam da imaginação fluida.  
A sensibilidade era nova, para os ricos e os pobres.  
Uns vivendo no centro cosmopolita,  
os outros na legenda de bairros insalubres  
guarnecidos da ideia de periferia.

Os artistas que serviam os poderosos  
sentiam sensações esquisitas, outros diriam,  
delicadas, havia um perfume artificial  
e algum fetiche na enfeitiçada melancolia.  
Artistas lúcidos pereciam em doenças  
que se esboçavam em mansardas infectas.

Os pobres putrefaziam-se em trabalhos  
que explodiam nas indústrias recentes,  
teriam alguma vez compreendido a noção  
de uma saída para o beco moderno?  
Alguém escreveu, a ideologia dos dominados  
é a dos dominantes. Estaria tudo dito?

De vez em quando exploravam-se revoluções  
assinaladas em estandartes coloridos,  
risos sujos e dentes carcomidos brilhavam  
como se o esplendor fosse para todos acessível.  
Não era e não foi. Pobres e ricos é o refrão  
de muita canção ainda contemporânea.

Paro. Regresso ao começo. Congemino.  
Que se passa comigo? Que dizer é este  
que vagueia entre o campo e a cidade  
como se essa dualidade ainda fosse um tema  
ou um motivo para um porisma?  
A verdade não é única nem absoluta.

Mas é verdade que socialmente permaneço  
ainda nesse século dezanove da questão social.  
Que paragem se fez tempo, mas tempo  
sem uma passagem? Que aconteceu?  
Dizem, como resposta, o capital.  
O que é o capital? Será capital para a vida?

O sofrimento de milhões e milhões  
de homens e de mulheres e de crianças,  
o que significa? Que o homem não é  
o que pensa ser, um homem? Que há ideias  
que não passam mais do que idealismos  
servindo a realidade do capital?

Há qualquer coisa que está mal e eu não sei  
o que é? Não comprehendo a natureza do mal.  
Comprehendo, como evidente, a existência  
da natureza, mas nunca comprehendi o mal  
e o sofrimento infligidos pelos homens  
aos homens. Que mistério continua mistério?

De onde vim para não ter chegado a vir?  
Que viagem não foi distância? Que olhar é este  
que nunca se acomodou à cómoda razão  
de uma inevitabilidade metafísica?  
Há monstros na humanidade compulsiva?  
De onde vieram? Como chegaram à terra?

Há uma voz, talvez suspeita e coerciva,  
que muitas vezes me diz: Não és deste mundo.  
Não és deste mundo?! Como, se só há um mundo?  
Que estupidez me estreita em convoluções  
de pensamentos incapazes de um real?  
Nasci e morrerei no sofrimento dos outros?

Planto com a mulher árvores tão incipientes  
como estas palavras perdidas na língua,  
transpiro de dor nos músculos ressequidos,  
mais uma carga de estrume sobre o chão  
onde o barro nunca se transformou em homem.  
O barro é o pior que se pode dar às raízes.

A beleza!, ver um tronco delgado erguido  
como uma flecha procurando um céu  
desafiando a criação de um qualquer artista,  
irromperão de alguma seiva ramos  
instigados pelo sol perspicuo da primavera?  
Ignorar nem sempre é saudável.

Que ignoram os pobres do campo e da cidade?  
Houve já séculos que foram das luzes,  
que luzes lhes faltam para poderem ver,  
para poderem descobrir uma maneira de acabar  
com os pobres e os ricos? Que remédio  
lhes falece? Ignorarão a origem dessa palavra?

Criança, perguntei, talvez já consciente  
de alguma consciência mais ou menos social,  
mãe, somos pobres ou ricos?  
Respondeu-me, remediados. Era verdade.  
Re-médio remete-nos, dizem os dicionários,  
para esse meio, para essa mediania.

Há quem suspeite da mediocridade.  
Não tenham ilusões, devíamos todos ser medíocres.  
Ou remediados, diria agora minha mãe,  
se pudesse dizer. Não pode. Mas eu posso.  
Repetindo incansavelmente, remediados.  
Tudo o mais é aceitar a cegueira da natureza.

Da natureza da natureza e da natureza humana.  
A vida dos homens e das mulheres e das crianças  
não é cíclica. É um crescer como uma árvore  
até que a morte sobrevenha. Diziam,  
os sagazes, as árvores morrem de pé.  
Pena que não aconteça o mesmo connosco.

Desconfiem das competências exigidas  
pelo saber do mundo competitivo.  
A balança não exige dois pesos e duas medidas.  
O mercado transforma-vos em mercadorias.  
Mercar é um diálogo entre quem vende  
e quem compra. Uma troca, uma sintonia.

Os mais competentes, em Grécias antigas,  
já foram aristocratas. Há vícios  
que se transformam em hábitos, pior,  
em costumes aceites pela comunidade.  
Séculos e séculos de logro, quantos mais séculos  
ainda para que os mitos sejam destruídos?

Os heróis, ontem como hoje, nunca vencerão  
os deuses, e os deuses cresceram do mundo.  
Os heróis, fantasias do que se gostaria de ser,  
nunca farão dos escravos senhores.  
Os deuses escondem-se nas máscaras  
de novos senhores assenhoreando-se de tudo.

É tão aborrecido estar-se aqui a escrever  
o consabido que parece ser ignorado  
pelas populações da terra! Há tanto a fazer,  
por exemplo, plantar árvores na esperança  
de que nos oferecerão suculentos frutos.  
Amar as árvores é um exemplo incorruptível.

Plantá-las é um prazer subtraindo-se à dor  
do corpo envelhecido. Tomara ser árvore.  
Viver num pomar. Ofertar todos os anos,  
como se fosse natural, os frutos que oscilam  
às brisas que circunvagam de admiração.  
Sem precisar de mercar. Presenteando apenas.

Presentes dos sonhos que não ousam ser realizados são estes momentos devotados a uma escrita que deixa no espaço em branco um sulco de um estranho arado, o suor não tem mais que ser do rosto, homens e mulheres construíram tractores.

Tratarei de acabar da melhor maneira este arrazoado contemplativo, afinal para que serve o olhar, senão para a teoria? Um sorriso triste açambarca a disposição que me ata às palavras, não me atemorizam cacofonias de estéticas da perfeição.

Somos todos imperfeitos. Errar é humano. Mas fazer mal não é errar. É proceder a um objectivo. Não somos objectos aceitando a inevitabilidade de uma condição sem condições de vida. A vida ama, deseja-nos o melhor quando irrompe do desconhecido.

3/2/2014

## A APORIA

Imiscuo-me neste grande turbilhão de palavras  
como se fosse um mar desconhecido  
procurando encontrar uma embarcação  
capaz de me levar onde um onde fosse mais  
do que um mero vocáculo na sintaxe  
que se desnuda em imensidões sonoras.

Não importa que o começo seja o fim  
ou o fim não se reveja em nenhum começo,  
importa calcorrear este prazer que é escrever  
sem uma determinação do ser,  
o que quer que isso queira ou deseje  
ser. Sendo, talvez se descubra uma porta.

Vou levado pelas vagas de uma potência  
que parece desobedecer aos arautos imagísticos,  
um riso insolível resolve-se no espasmo  
que o corpo faculta quando a dor nada mais é  
do que a audição de um bocejo  
intrometendo-se no negócio do ócio.

Que haverá do dizer para ser dito?  
A voz interpela uma tela fictícia,  
identidade é o ritmo com que se escreve,  
um delírio onde a loucura de tão longínqua  
não se reconhece como possibilidade  
de existência no mericismo do mesmo.

É uma música o que me transforma  
no que me transporta, a velocidade instiga  
a consciência, mas nenhuma corrente  
se acerca do corpo para fazê-lo prisioneiro  
de uma ideia preconcebida. Concebida assim  
a história de um momento é com júbilo

que o contentamento explora um desatino.  
Não se está onde se existe, diz o som  
ao silêncio do vazio, está-se não é uma estase,  
ficar-se perplexo num léxico indiferente  
não quer dizer que o dizer perdeu o fôlego  
de uma aventura, de uma passagem livre.

Vozes de quem se foi no que permanece  
sem voz diluem o que dilucidam, amor,  
amor, clama quem proclama o degelo  
como um selo para correspondências  
que não têm mais razão de ser que o ser  
da razão infestada de clamores imanentes.

Uma paisagem abissal demove-se na singeleza  
de uma idiota transfiguração do real,  
que mal ousaria deturpar o sentimento  
de um acontecimento tentando introduzir  
um advento onde é de todo impossível uma hora  
para que um dilúculo resista a uma aurora?

Perguntas imbecis abeiram-se das fímbrias  
não só filosóficas como também apaixonadas,  
haverá algures um lugar que aceite ser  
uma encruzilhada no sítio em que tudo se joga  
para que a brincadeira assuma uma inteligência  
não só existencial como verosímil?

Uma criança envelhece o tempo de vida,  
estranha que a visão que possui do mundo  
nada mais seja que uma revelação perdida  
na incomensurável razoabilidade de todas  
as coisas. Ponto. Mas nunca final,  
pelo menos por agora. Pelo menos aqui.

Não há um estremecimento sexual  
no que se acaba de escrever, mas o erotismo  
na sua complexidade mutável reivindica  
uma atmosfera onde o clima receba o denodo  
de um novo prazer. Achar uma palavra  
para o que é sempre foi tarefa de louco.

Sofrimento, onde? Dor, onde? Alegria  
é o nome da coisa, esta afasia dos sentidos  
devorando a tentativa de conhecimento,  
como se já não bastassem os paroxismos  
do pensamento quando um ardor assoma  
trazendo nos seus limites um sol devastador.

Sol, que foi feito de ti? Titilas algures  
no oceano do céu, luz ferida de nódoas  
ou de chagas em que nenhum corpo se revê?  
Solta-te da ignorância depressiva,  
atravessa a distância de uma luz,  
protege quem te ama do mundo civil.

Que interessa o que possam pensar de ti  
ou de mim? Ninguém me é eu para suportar  
por um minuto o inexpressivo estilicídio  
de um atrevimento gratuito, acção, acção,  
diz o proponente de uma cena artística,  
poder-se-á confiar uma vida a um tolo?

Ressonâncias de um mundo futuro  
perdem-se na culminação do zelo arguto  
que se coloca na imersão dos sentidos,  
sentir não é um verbo despossuído de alor,  
viver só sucumbe à morte quando a sorte  
se despede da passagem para o acaso.

Algo se faz ouvir na acumulação furtiva  
das emoções precárias. Afinal ganhar a vida  
não corresponde, muitas vezes, a perdê-la,  
como se houvesse um mérito na escravidão  
que assola as sociedades capitalistas?  
Não há outras, diz-me a voz do seu dono.

Singulto canino aquele que expele a pele  
de uma arrogância financeira, «quem  
é quem» deixou o mundo entregue ao capricho  
dos malandros, que se passa com os outrora  
povos da terra? Deixaram de ser populações?  
Não sofrem mais do que o hábito?

Ajoelham-se perante as perspectivas?  
De um futuro melhor? De um mundo limpo  
para os seus filhos? Que sabem do mundo?  
Que sabem dos filhos? Atrasos de vida  
são como escarros de tenebriscos medos,  
por que não se insurgem os escravos de hoje?

Imbecis! Deixarem para amanhã  
o que podem fazer hoje. Ou pior ainda,  
não saberem que o conhecimento só faz sentido  
quando se desdobra em obras humanas,  
em tentativas de abraçar um destino  
como se no fim houvesse um começo.

Um silêncio corrupto atravessa as imagens  
das comunidades electivas, onde estão os lumes  
e os fogos acesos? Por que temem destruir  
o que de mais nefasto se apodera deles?  
Pensarem que atingirão um auge num cimo  
sobrepairando a planície juncada de cadáveres.

Filhos de filhos nunca terão a oportunidade  
de matar os pais, pais de silêncios astrais  
demovendo a coragem de agir.

Mas não há por onde ir. Para onde ir  
está o mundo cheio, as fábricas precisam  
dos nómadas, os museus de passados.

Há quem acredeite ainda em promessas.  
Peças de uma engrenagem que não vislumbram  
pensam que escolhem os passos que dão  
sobre a terra, mal sabem que são joguetes  
nas mãos dos que manipulam o poder  
dizendo, venham por aqui, venham por aqui.

Uma labareda não faz uma fogueira.  
Um corpo não arquitecta um novo mundo.  
Uma experiência será sempre desmedida.  
Nenhuma história tem acesso ao real.  
A voz que clama não colmata o abismo.  
Eco de ecos ecoa como um velho sofisma.

Cegos arrastam cegos na nomenclatura  
da contemporaneidade, simultâneos berros  
de uma morosidade esplenética. A aporia  
só existe para ser vencida, ultrapassada, voz  
que é alertando para o sigilo da dificuldade.  
Nunca foi fácil ser-se homem ou mulher.

3/2/2014

## A SENSIBILIDADE

Músicas atravessam a espessura da manhã  
perdida em mantos de uma claridade  
onde o acinzentado pontifica.  
Que é feito do mundo? Tudo morto  
neste interregno que dura pelo tempo  
como se o bem não merecesse uma consideração.

Como podem as pessoas sobreviver  
a este desastre? Como se pode viver sem sol?  
Tudo em redor parece um emaranhado  
de coisas e de objectos, a abjecção  
também pode ser atmosférica.  
A moral um dado da natureza cega.

Verdade que a música perpassa pelo quarto  
da casa, mas falta-lhe qualquer coisa,  
uma origem nos instrumentos,  
uma beleza que pudesse ser apreciada  
por quem se devota às sonoridades epulóticas.  
Será que um pesadelo poderá ser real?

Os telhados dos edifícios no sopé do monte  
parecem estruturas de uma pintura datada,  
mas o que não é datado na existência?  
Percorre-se uma tristeza factual,  
outros diriam, factícia, mas a malícia  
não tem aqui lugar para se estabelecer.

Quando não há meditação perde-se a acção.  
Não seria mais certo dizer, quando há acção  
perde-se a meditação? Impressões embrulhadas  
em apogeus do informe naufragam breves  
em deslocações de praias imaginadas.  
Que areias resistirão à ausência do sol?

Disparates desiludidos afloram ao imo  
do pensamento, haverá alguma possibilidade  
de se fixar uma membrana enublada  
e espessa como objecto de uma reflexão?  
A reflexão é sol. É calor na pele  
de quem sente a obrigação de dizer.

Nenhuma língua nesta manhã obscurecida.  
As palavras não surgem como apelos  
ao contrário de um vice versa,  
tudo parece indistinto na imobilidade  
que fez do rigor uma opção estética  
quando ainda se pensava a poesia viável.

Beleza estranha a que se funde na fealdade.  
Não há fundamento capaz de trazer  
aos olhos uma medida que justifique a hora,  
em que realidade se vive?  
Uma chuva miudinha escurece o ambiente,  
cambiante de nenhuma cor.

A terra absorveu e engoliu o mundo  
num espectáculo de agonia, onde um sentido  
que possa fazer sentido neste momento?  
Uma pasta execrável deturpa a consciência,  
a ferida abre-se num delírio de dores.  
Sofrer também é apanágio de um exterior?

O fora não reconhece o dentro, esta casa  
onde se alberga um desejo de testemunho.  
Não há luz onde se possa escrever  
uma afirmação que seja da presença.  
E no entanto alguém escreve um simulacro  
como se nada mais restasse que tentar.

Há experiências que não se experimentam.  
Excluídas das hipóteses inaugurais  
advêm simples factos recolhidos em anais  
que nenhuma história irá consultar.  
A残酷 contém em si uma linguagem.  
Este em si tem quase sempre inefável.

Prosseguir para quê, se é o estático  
que dormita numa solidificação petrificada?  
Não há nenhum dever que obrigue  
quem quer que seja a ultrapassar os limites  
do razoável, será razoável tentar  
abrir um caminho onde impera o nada?

E no entanto o desejo cresce numa ereção  
imponderável, passar, passar, furar o sofrimento  
da hora com sigilos mitridáticos,  
trazendo o que há para o cimo desta página  
que se move puxada pelos vocábulos.  
Há palavras que não resistem à tentação.

Não há nada a fazer. Tem que se fazer  
o que se tem que fazer, avançar pela via  
de um desconhecido extemporâneo,  
pela inexistência de uma melancolia  
pensada extinta pelos manifestos erros  
de uma história tantas vezes totalitária.

Há passados que não ficaram satisfeitos  
por terem passado. Desobedecem ao tempo  
introduzindo-se sub-repticiamente  
no coração dos homens para os devolver  
a climas intransitáveis. A estase  
nunca foi a outra face do êxtase.

Quando passará este apocalipse sem revelação?  
Ninguém o sabe. Os boletins meteorológicos  
vivem de observações lógicas,  
como prever uma frente que dança  
quando avança pela imensidão do céu  
aberto a deiscências interpretativas?

A sensibilidade convive mal com o imprevisível.  
O visível é muitas vezes negado, expurgado  
de sua presença. Ninguém aceita  
com bons ou maus olhos o imponderável.  
Os planos são para serem cumpridos,  
os objectivos para serem atingidos, dizem.

A insânia não é uma simples loucura.  
A humanidade passa por períodos mais  
ou menos menstruais, sangues desperdiçados  
em batalhas de ideologias antagónicas,  
carnificinas sem nenhum respeito pela carne.  
O canhão é ainda a melhor diplomacia.

Dizem que tudo mudou. O estado  
de mudança diz sempre que tudo muda.  
Mudos de espanto os que sofrem as sevícias  
das novas ordens não sabem como lutar  
contra o mal. O mal não existe, dizem,  
é uma ficção, uma invenção da ética.

Tanto sofrimento na vulgata do mundo  
como se apresenta todos os dias,  
a todas as horas contidas nos fusos horários.  
Como se nada fosse. As pessoas levantam-se  
para o trabalho, trabalham em ofícios  
mal pagos, o que significa o verbo resistir?

Quem pode resistir a esta atmosfera dorida?  
Todos. Uns melhores do que outros,  
todos sucumbindo nas redes da subvivência.  
O mundo enublado não comprehende  
a natureza do sol. As manhãs que sorriem  
são uma chacota pegada. Faz-se tarde.

Mas o que se pode fazer, o que se pode fazer?,  
deblateram as vozes dos sacrificados.  
A humanidade não é uma coisa.  
Os homens e as mulheres não são todos iguais.  
A universalidade é um mito.  
Como mudar o estado de coisas?

Ninguém sabe nada de nada,  
mas todos suspeitam que alguns sabem  
bem demais alguma coisa. Como confiar  
no bem? Bem e mal confundem-se,  
o que se está a passar? Poucos, dos muitos  
que padecem, sabem o que se está a passar.

Não ignoram que tudo passa.  
Há sempre uma esperança, talvez um dia  
seja o dia da esperança, não se tenha mais  
que esperar. Talvez o mal se canse  
de ser mau, talvez melhores dias  
tragam a bonança, um inexplicável sol.

Talvez do talvez tudo seja possível.  
Viram-se tantas coisas, que coisas nunca se viram?  
Os que têm (e sabe-se como) devolverem  
aos que não têm o que têm. E depois há esmolas.  
Caridades. Gestos de uma invulgar filantropia.  
Há até pessoas de bem. Que têm, para dar.

Não, o sol não será para hoje.  
Demasiado enublado o céu a ponto de ser  
difícil acreditar que haja um céu azul  
para lá do que há em frente dos olhos pesarosos.  
A manhã passa a tarde. Vozes  
adolescentes ejaculam-se em gritaria.

No recreio da escola. Na inconsciência  
em que vivem uma preocupação  
compreensível. Vão, muitos deles, almoçar  
na cantina. Jogam com bolas saltitantes,  
saltam como agilidades edificantes,  
edificarão algum dia uma vida solar?

Uma incógnita. Ao futuro o que é do futuro,  
ao presente o que é do presente.  
Estranhos ritmos de estranhas circunstâncias  
permanecem ainda como língua de fundo.  
A ocidente nada de novo. Um novo nada  
permanece como se fosse o próprio mundo.

4/2/2014

## O DIZER DO NADA DIZ TUDO

«Sol, sol, sol», canta meu corpo  
desprovido de qualquer espírito,  
enquanto me lanço num delírio breve  
sobre a tela onde nada mais visiono  
que o filme de um vazio tão intenso  
que sinto o momento de feri-lo.

Este branco não é uma página órfã  
caída na imensidão febril do acaso,  
esta brancura antecede as nuvens níveas  
que perpassam num horizonte afásico.  
Estava aqui antes de chegar aqui,  
esperando, esperando, traços negros.

Vocábulos de vozes vocacionadas  
para a provocação abrem um rasgão  
na tela aparentemente adormecida,  
«Sou eu», grito como um estilete sibilino,  
«Sou eu», incomparado e incompatível  
na dimensão de uma desmedida.

Dizer o que vai no mundo é dizer  
o mundo que vai em mim, que vai de mim  
para o mundo? Que poderá sair do canto  
ao sol que me invade como se eu fosse  
uma bateria desprezada e irreconhecível?  
O dizer do nada diz tudo.

Olhos de mim perpassam pelos fogos  
de uma adstringência inconclusa,  
o pensamento procura, procura,  
primeiro ser pensamento, depois  
ser um depois que me liberte da dor  
destes últimos dias expostos ao frio.

Luzes de mim, que não existem,  
perpassam pela tela tentando fazer dela  
uma outra experiência do quotidiano,  
serei capaz de abrir de par em par  
uma voz que se salde pelo degelo  
que se apossou da consciência ferida?

Mins de mim saltam em danças feéricas  
como nesses momentos de uma devoção  
incompreensível, será assim tão difícil  
colaborar com a possibilidade de futuro?  
Não saber responder. Não saber o ser  
que me poderia albergar na incógnita.

Esvai-se o sol no compacto letífero  
das nuvens assassinas, meu corpo  
não deseja mais ser corpo, assistir  
ao desaparecimento da luminosidade  
do céu sabe-me a um mergulho  
num espaço desconhecido do tempo.

6/2/2014

## O SILENCIO DA VOZ

Por mais música que se faça ouvir,  
e faz-se, é o silêncio, estranho e impossível,  
que se gruda à crueza do sentimento  
que pretende a todo o custo advir  
consciência de quem escreve, que sou eu.  
Eu que de mim ou de meu nada sou.

Nem o sol esporádico, que intumesce  
o quarto desprovido de defesas, consegue  
impedir que esse silêncio desaguando  
numa tristeza inexplicável explore a hora  
que se vive, um silêncio vindo  
das pretéritas derivas da referência.

Não conheço este senhor que canta.  
Chama-se Joshua James, ignoro de onde  
veio ou para onde vai. A voz é agradável,  
como um sussurro tomando conta  
de uma história que ninguém quer contar.  
Há experiências que não são tempo.

Há temporadas que não sabem o que fazer  
da vida, expostas à ambiguidade do acaso  
parecem nada mais ser do que emanações  
de uma arbitrariedade um pouco aleatória,  
se for possível ao possível ser possível.  
Ouvir este “Today” quase me humaniza.

O meu envelhecimento não terá precedência?  
A cabeça toldada de uma lucidez paradoxal  
abana ao ritmo de uma carícia  
tão recente que chego a pensar  
que não posso existir nesta metamorfose.  
Sobreviverei ao desgaste de um desastre?

O que não se anuncia por timidez  
enuncia-se quase sem as convenções  
instituídas pelo real, estarei numa dimensão  
onde a experiência não passa de um exemplo  
falido de um paradigma de uma outra era?  
Era talvez de esperar que isto acontecesse.

Ignoro se o calor do sol aquece este silêncio,  
a sua presença faz-se sentir na sensibilidade  
deste cantor que se desdobra em canções?  
Que sabemos do saber? E da presença?  
Ausente num mundo feito de mundos  
onde estará esta voz que agora se distende?

Não ser um instrumento!, digo-me tantas  
vezes. Que quererei dizer? Faz sentido  
ser investido de pensamentos avulsos,  
tantas vezes abstrusos? Haverá beleza?  
Este deslize deste momento não se contradiz  
nem é um contra-senso, é uma realidade.

Se dura, para quê chamar-lhe momento?  
Mas o momento dura, disse-me um amigo  
mais ou menos filósofo. Não confundas  
momento com instante, explicou-me ele  
com argumentos que esqueci de todo.  
Não há memória que resista ao tempo.

A passagem das horas é como aragem  
transfigurando o que passa por ser,  
às vezes sente-se uma tristeza silenciosa  
perder-se na imensidão de um vazio.  
Não é pena a história não poder averbar  
tudo o que acontece no desejo dum minuto?

Num minuto do desejo? E será desejo  
o que, sem dúvida, é como qualquer coisa  
que esbarra contra a sonoridade da língua,  
uma apreensão, um acto falhado, uma dor  
sem razão plausível capaz de justificar  
a morosidade de um silêncio esquipático?

O sol não me devolve ao mundo.  
Nem me comove convocando-me ao delírio  
de uma intrusão no seio do desconhecido.  
Como encontrar no que se conhece  
o que não se conhece? Não é um pouco  
estúpido? Descobrir não será uma ilusão?

«Ouvir o que não posso ver!», digo-me.  
O silêncio que destrói esta música  
talvez não venha por mal, talvez não seja  
um mal, talvez não passe de mais um silêncio  
como todos os silêncios que coincidiram  
com os sons mais extraordinários da vida.

Joshua deu lugar no palco do acaso  
a John Primer e Bob Corritore.  
Ah, estes blues já não me desgraçam mais  
com uma graça que interpretava, na inocência  
da idade, como momentos epifânicos.  
Mas é um prazer ser jovem nos ouvidos.

Todo o corpo se reconhece, e não se deve  
à presença distante do sol. Estes acordes  
acordam em mim um mim que foi possível  
quando viver não me era necessidade  
nem um impulso das intuições anódinas  
que nos inoculam contra o alto mal.

Houve algures um passado que se evolou  
nas disparidades incongruentes da presença,  
a ausência era mais um sentido disperso  
do que a certeza de uma disponibilidade.  
Sentir nunca foi uma viagem.  
Recordar nunca será fazer um disco.

Um disco de fogo afunda-se nesta sensação  
de que tudo foge, de que o corpo vai finalmente  
ficar sozinho para receber a promessa  
de uma revelação. Nada porém se revela  
na fotografia que cresce como um cogumelo  
cósmico na absolvção da cor.

Certo que há uma figura um pouco difusa  
confundindo-se com o pano do fundo,  
mas não será o mundo a tentar reter  
o quadro que se dissolve em formas  
dissolutas, reversos de corpos insubstanciais,  
apanágios de telas intraduzíveis?

Dizer espaço e tempo é um lugar comum.  
Comum a quem, é um outro problema.  
Fala-se do que acontece como se a fala  
pudesse também acontecer, será possível  
tal desmedida na eclosão da realidade?  
Há quem pense que acontecer não faz sentido.

Um sorriso desprende-se deste silêncio  
em tantos sentidos enigmático e inviável,  
é uma alegria no seu fim, uma aventura  
que não se concretizou em ventura.  
Valerá a pena fazer frente ao que não tem  
frente? Valerá a pena dar voz ao silêncio?

10/2/2014

## O INFORMULÁVEL

Dias que passam sem deixar marcas,  
rasurados pelas águas das chuvas  
que caem do céu como se houvesse algures  
um infinito lutando contra a ideia  
de um limite que imitasse a finitude  
como fundamento da presença humana.

Haverá mundo em tudo isto?  
Haverá mais terra do que a terra encharcada?  
Essas gotas caindo numa transformação  
de imaginados espasmos  
onde o corpo não consegue existir,  
destituídas a medida e a contenção.

De uma janela desprovida de tudo  
menos da sua identidade vejo meteoritos  
líquidos em lances tão espessos  
que julgo ver uma tela sem fundo  
nem primeiro plano, um absurdo abuso  
da iminência imanente da realidade.

A beleza não exige da natureza uma arte.  
O que acontece passa como passam por ser  
dias os dias delidos na imensidão frágil  
das águas que afluem em quedas  
quase independentes da gravidade.  
Ver é trazer ao que é uma apreensão.

Ver é ceder ao que é uma gravidade.  
Mas quando um escasso sol  
se mistura com a chuva num desvelo ilícito,  
é quase com um estremecimento  
que se sente algo querer irromper  
no corpo despido de uma qualquer alma.

Como se o passado quisesse novamente  
passar pelo que certamente nunca foi  
quando foi uma convicção e uma certeza.  
Que é feito da alma? Do espírito?  
Nunca existiram, e por isso nada deles  
é feito, ou existiram para ser exilados?

Que tempo é este que se confunde  
com o tempo atmosférico, que chuva apagou  
crenças e credos, que movimento  
faz da história a história de outras coisas?  
Não saber. Ver da janela anónima  
que a chuva coincide com um claro sol.

Uma alegria absolve os pavimentos iludidos  
em fictícios riachos, este sol aquático  
galvaniza as nuvens tumefactas  
dando ao horizonte a prospecção  
de um delírio insurgindo-se contra a razão.  
Que se perdeu no que foi achado?

São perguntas como estas que infestam  
a consciência e o olhar, não se pode sentir  
um sol, não se pode emitir um aguaceiro,  
o poder de quem se atreve a escrever  
não vai além do além de uma linguagem.  
Está-se sempre aquém do real.

Não é uma limitação não se atingir o real.  
Somos o real desde sempre, ínsitos  
testemunhos do que somos e não somos,  
assomos de uma brevidade  
que acontece como um clarão do sol  
sobre uma terra ainda habitada.

Até quando? As casas que se espriam  
colina acima não traduzem uma revelação  
da ordem do enigma ou do oráculo,  
são verdades nos seus telhados atijolados,  
manifestações de uma presença  
que não corrompe nenhuma metafísica.

Tanta mentira e tanta ilusão  
em pensamentos que pensavam estar  
a pensar, homens e mulheres escrevendo  
estados de coisas como se as coisas  
possuíssem um estado. Mas pensar  
nunca foi um mal, foi um passatempo.

Passa o tempo em conjugações jussivas  
e planetárias, o que acontece aqui  
não é precisamente o que acontece ali,  
aqui e ali são estações da terra  
povoadas pelas populações divididas  
em sagrações de um desmunido sagrado.

Só há arte nos sentidos, tudo o mais  
é o tal mais que divaga em aletologias  
tantas vezes incompreensíveis,  
tantas vezes descaradamente inventadas.  
Viver não é um mistério. É um mistério  
o que passa por ser ainda o mistério.

Gentes nascem e morrem, aqui e ali,  
com um fervor que não se sabe de onde vem.  
Haverá uma vida para os que nascem?  
Houve uma vida para os que morrem?  
Vive-se, e no entanto ignora-se o que é a vida,  
o que é viver, o que é do que deveria ser.

Dever ser deixou de estar em moda.  
Ser sem dever é uma liberdade prisioneira  
dos seus próprios pressupostos,  
quem o disse, quem se pensa capaz  
de dar lições nos dias de hoje?  
Os dias passam levados pelas águas da chuva.

Nenhum agora justifica uma ágora.  
Ninguém sabe onde começa ou acaba  
uma língua, muito menos uma civilização.  
O oeste sempre foi o leste,  
pelo menos para outras pessoas espalhadas  
pela superfície do globo espelhado.

Nenhum aqui soube qual a fronteira  
com um ali, convenções convencem-se  
de que são verdadeiras, há mentiras  
que são mais pujantes que a realidade.  
Não durou muito, este sol e esta tonalidade.  
A luminosidade nunca está ganha.

Não chove nem faz sol. O frio alastrá.  
Lá fora, pela casa. Que sentir?  
Que pensar? Que fazer?  
Haverá ainda espaço, razão de ser,  
para a melancolia? Ser e razão alguma vez  
se entenderão? Ouvir não é coisa fácil.

Melhor dar por fim este alastramento  
da sensibilidade. Que se ganharia  
em continuar? Que se perderia?  
O céu compactado por nuvens pesadas  
não responde a perguntas informuladas.  
Mas o informulável também é vida.

17/2/2014

## A ESCURIDÃO

Entenebrecido pelas ideias mais díspares  
que nos assaltam a consciência,  
deito-me na cama aquecida, fecho os olhos  
já oclusos pela escuridão do quarto  
no sossego do seu remanso, e sussurro:  
Nada para fazer amanhã. Que bom!

Que bom não ter nada para fazer!  
Nem amanhã nem depois de amanhã,  
nem nunca mais! Que bom!  
Faça-me um dia a morte um morto,  
e continuarei a não fazer nada  
no nada que nos espera com devoção.

Um sorriso de contentamento.  
Livre, livre apesar de tudo e de todos,  
livre dos embaraços da civilização  
compungida em sociedades  
onde o trabalho parece ser a palavra  
de ordem. Um pouco de desordem faz bem!

Com os olhos fechados espero que o sono  
penetre nos escaninhos do corpo,  
pensamentos mais do que esdrúxulos,  
para não dizer agudos ou graves,  
atravessam-me em apologias disto  
ou daquilo, deixá-los navegar sem mar.

Cenas felizes afundam-se no momento  
como abreviaturas da confusão,  
sinto que a confusão é uma fusão com,  
com quê é uma incógnita.  
Passa a língua de palavra em palavra  
como se desejasse ser linguagem.

De quem? é um enigma inacessível  
na sua desesperada excedência, às vezes  
julga-se até que a linguagem é ser,  
mas ser será viver? O quente da cama  
impede-me de ir mais longe.  
Vivo como se nunca fosse morrer.

Amanhã é um outro dia, confirmo  
com uma sabedoria que me é alheia,  
o que me acontecerá de novo?  
Que novidade ousará ser transposta  
em realidade, que eventos sacudirão  
meu corpo tecido de rotinas e de peripécias?

Um sorriso desvia-me para imagens  
de outras paragens, a passagem  
nem sempre é uma duração  
ou uma mudança. Tudo muda, disseram  
os que duram nos livros conselheiros,  
como acreditar nos que desapareceram?

A ausência será uma presença?  
Sorrio apertando meus braços ao corpo  
como se fosse uma múmia egípcia,  
só me falta o ouro do ceptro,  
a realeza que junta talvez ao real  
a noção de uma beleza mortuária.

Estou vivo, cicio numa afasia endógena.  
Nada ouço que venha da escuridão  
da casa, ouço o respirar certo e equânime  
da mulher que dorme ao meu lado,  
qualquer lado é bom para se começar  
a dormir um saudável sono.

Que fiz de quem fui? – é a pergunta ávida.  
Quem fui do que fiz? Que bom,  
não fazer sentido na integral vastidão  
da noite, perdido em meandros  
tão perplexos que se chega a pensar  
que são desavindos ou maldosos.

Com os olhos fechados esqueço  
que estou no escuro. Tudo é cegueira  
mesmo quando se vê, observar é servir  
de testemunha para o que acontece  
com o mesmo à-vontade de uma certeza,  
incerta maneira de se sofrer.

Nunca houve autenticidade na viragem  
de um facto para uma memória,  
vive-se da escória dos dias, das nódoas  
que perscrutam na toalha a tessitura  
de um desenho capaz de universalidade.  
Mas só o aqui é uma verdade sentida.

Nesta cama procura-se uma calma,  
uma calmaria, uma redundância tutelar  
onde se possa esperar que o sono virá,  
e com o sono sonhos de dimensões legíveis.  
Há medidas na incomensurabilidade  
do tempo, há espaços que se extinguem.

Tolices e dislates preparam-se sonolentos  
para advirem disparates de raciocínios  
turbulentos, por que não chega o sono?  
Se nada há para se fazer amanhã  
por que haverá agora esta incompreensão  
do que nem sequer está a acontecer?

Um sono não é um sonho. É real,  
como perder os sentidos durante o tempo  
de uma noite diluída no inacontencimento.  
Sonhos, essas irrupções no nada  
do que é e do que foi, há quem pense  
que muitas vezes são premonitórios.

Pode-se censurar a ilusão? Claro que não.  
Nunca se sente um adormecimento.  
Sonolências engravidam a velhice  
dos que passaram anos a viver uma idade,  
mas ninguém poderá dizer, começo  
a dormir, mesmo quando se cai de sono.

A dormir será tarde demais para se dizer  
o que quer que seja. Uma morte,  
mesmo se provisória, não se consente  
testemunha de nada, nem do nada  
que vai surgindo nos labirintos efémeros  
de um esquecimento sem um si mesmo.

Nada a fazer amanhã, que bom!  
Aconchegado na desmedida da hora  
abeiro-me do corpo como se fosse a face  
de uma esfinge ignara, sorrio na perda  
de quem não posso deixar de ser,  
sou talvez uma sombra na escuridão.

Homem que sou não tenho tempo  
para responder a perguntas estúpidas.  
Não são os oráculos que seduzem  
os meus ouvidos, mas uma estranhíssima  
música perseguindo-se na prossecução  
de mistérios que me desviam de quem sou.

18/2/2014

## O SEU A SEU DONO

Uma sonolência universal  
vem de encontro a mim na ilusão  
ainda imperecível de uma tarde,  
que devo fazer para dizer que sobrevivo?  
Que riso mostrar ao inacessível da hora?  
Que bisonho desenrolar da consciência?

Pareço que durmo, e dormindo  
faço de conta que ouço do silêncio a sua voz:  
*Serei eu quando sou meu? Que sei eu de mim*  
*ou de quem sou? Dizem, o seu a seu dono.*  
*Sou dono de mim? Em mim vive*  
*o que é meu?*

*Eu, meu e mim são alguma coisa?*  
*Alguma coisa que seja causa de quem sou,*  
*casa onde se possa viver?*  
*Vir ver foi a sorte. Deixar de ver será a fortuna?*  
*Nenhum acaso ousará ir além do meu caso.*  
*Nasci em mim sem ser eu ou meu.*

*Morrerei em mim no meu ser eu.*  
Não comprehendo este agregado de palavras.  
*Cuida-te, cuida-te, sé o cuidado de ti,*  
ouço ainda como um eco desintegrando-se  
na plenitude de uma imensidão  
que desespera, pelo ilegível, a inteligência.

Não há nenhuma pitonisa pisando uvas  
para um inefável vinho, não foram oráculos  
osculando ouvidos o ouvido na intermitênciam  
de interstícios enigmáticos,  
que figura, das figuras que figuram  
nas línguas, terá ousado abreviar um disparate?

Quem sou deixa-me quase num isolamento  
vituperoso, olho em redor procurando  
justificar a verdade da minha presença,  
a cama esquecida na sua inoperância  
parece ser uma jangada num mar de sargaços.  
O que é um mar? Será uma mãe, uma Khôra?

Vivo, cicio num quase sussurro,  
estou vivo, como se essa descoberta fosse  
uma ilha perdida na imaginação do ocidente.  
Não há mais continentes quando os conteúdos  
desmoronam em glossolalias inúteis,  
ritmos de fragmentos do pensamento.

Que estranho, sentir ainda a estranheza!  
De estar vivo. Ou de sentir,  
como um facto consumado, que só agora,  
depois de tantos anos volvidos, cheguei à vida  
no desdobramento de eventos dando azo  
a um inexplicável apaziguamento.

Não é o sol que entra pelo quarto assombrado.  
Uma luminosidade muito fina coincide  
com a sensação de que algo balança  
nesta indecisão intuída entre a jangada que sou  
e o redor que nunca me atreveria a ser,  
se ser ainda fosse um verbo conjugável.

Deitado sobre a superfície do tempo  
tenho o privilégio de não atender  
às suas lamúrias, às suas memórias,  
indiferente à assunção da monstruosidade  
que me poderiam assacar no saque  
dos tesouros acumulados ao longo da história.

Será que a liberdade existe? Viver  
sem se ser o que quer que seja, nem sequer  
um homem, essa fábula criada pela vergonha?  
Gozo o clarão dourado que se suspende  
num tempo intraduzível, passo, vivo,  
vivido como se a necessidade fosse possível.

Sem abrir a boca profiro palavras  
que visitaram outros povos em vislumbres  
de uma inocência imponderável,  
profiro-as sem ferir o som, no silêncio  
da tarde que pervaga como uma longa vaga  
fazendo deslizar a jangada para um outro mar.

Não tenho medo de passar as barreiras do real.  
O real não se castiga nem se amortalha  
com barreiras, ou medos, ou acordos  
de uma gramática buscando na ordem  
a medida. Não haver medida é a medida.  
Dizer nunca poderá significar um mundo.

Não há mundo. Há palavras insignificantes,  
nada dizem quando dizem, não apontam  
para mais nada que o nada onde se edificam.  
Pensá-las capazes de ofertar o quer que seja  
é uma loucura, elas estarão sempre aquém,  
alcances que não se alcançam.

Não há, pelo menos aqui, nenhuma jangada.  
Mas há uma cama suportando o corpo  
de um homem, e houve, sem dúvida,  
algumas palavras que irromperam  
de um sem onde para ondularem consciência,  
procurando assim talvez advir memória.

Foram esquecidas. Não deixaram rasto.  
Desapareceram quando apareceram.  
É aí que se tem que viver, felizes pelo ir  
e vir do que casualmente surge  
como uma canção olvidando a passagem  
e os seus estigmas, e as suas bonanças.

Vivo, sorrio no que cicio, sentindo que isso  
é bom! A bondade desta luz que abre  
os objectos do quarto, como se demonstrando  
que não há mistérios nem escaninhos.  
Convidando as superfícies a ser coisas  
com que se pode contar no quotidiano!

O corpo, agora, não sofre nenhuma dor.  
A velhice que me faz claudicar tanta vez  
não se apodera desta vez de quem me respira,  
a pira é apenas uma imagem no círculo  
de um fogo que pretende sobreviver ao amor.  
Se houvesse uma humanidade no presente!

Passa como uma ilusão de graça a hora  
que passa, logo será noite, logo outra cama  
de outro quarto receberá meu corpo  
para um sono, se for definitivo não faz mal.  
O mal é apanágio da vigília.  
Da vigília que pretende criar um mundo.

Homens e mulheres espalhados nas ideias  
que se vão fazendo desse mundo,  
talvez vivendo, talvez vegetando,  
sofrendo sempre a dor que não sabem ganhar.  
Não há libertadores para quem não se liberta.  
Não há guias para o desejo de outra coisa.

Talvez, quem sabe, renunciando-se à ideia de mundo se adquirisse uma possibilidade de vida futura, talvez seja preciso dar tempo ao tempo, não procrastinando, não deixando para amanhã este agora e este aqui, esta parte de todas as partes.

Talvez se tenha que ouvir a voz que cicia nos interstícios do tempo, procurando nos intervalos entre afazeres sentir o que o silêncio deseja sugerir a quem quiser mudar de humanidade ou de existência. Partir é um parto.

Haverá portos? Haverá portas?  
Só avançando se saberá. Dias e noites fazem-se anos e épocas, haverá uma época para a humanidade que houver?  
Ninguém sabe. Haverá desejo? Houve amor na mão carinhosa duma carícia de mãe?

Aqui e além são duas coordenadas.  
Não estão presas a nada, e muito menos à impossibilidade. A pergunta a ser feita é fatal porque destinada aos que ousarão ouvi-la como o mais estranho impulso do nada:  
*Serei eu quando não sou meu?*

26/2/2014

## UMA REALIDADE DIFERENTE

Telefono a um amigo.

- Sabes quem é este gajo, o Willy Mason?

Estou agora mesmo a ouvi-lo.

- Ó pá, dizem que ainda é da família  
do William James, responde-me o inquirido.

- Do William James, o filósofo pragmático?

- Sim, do irmão do Henry James.

- Vê-se logo que és das literaturas, sorrio  
através da distância entre dois apartamentos.

- Vê-se logo que és das filosofias,  
melómano do acaso e da ignorância, suspira.

- Obrigado pela informação.

“Carry On”, é o disco que estou a ouvir.

Pela primeira e talvez a última vez.

Não sou fácil de ser seduzido,  
que o digam as mulheres que me conheceram.  
E subitamente, num soluço, tenho pena.  
Sinto pena de ter sido tão estúpido!

E de não ter pachorra nem paciência.

Contento-me com esta sucessão de canções  
que surgem e se vão na desfaçatez  
do que passa, um ouvido atento,  
outro ouvido tentando percepcionar  
o novo de qualquer coisa que possa ser nova.

Gosto, não gosto? Falta-me tempo  
e alguma experiência do que se evola som,  
no ar em volta, para poder dizer,  
em consciência, com que consciência  
ficarei destes sons que invadem o quarto  
numa metamorfose do convívio.

Viro o disco e toco o mesmo, dir-se-ia  
tão outrora, no tempo, que já ninguém sabe  
do que estou a falar. Retomo a primeira canção.  
What is this?, ouço num sobressalto.  
O que é isto? Ora, é a manifestação real  
de um tipo que está a escrever.

Percebo alguns versos escassos  
como quem não comprehende o que se passa  
pelo mundo, e muito menos na sua vida.  
É importante perceber o dito  
para se gostar de uma voz, de uma música?  
Nenhuma impressão se deixa impressionar.

Sibilino à minha maneira ouço  
a fala humana de gente muito mais nova,  
mas onde estará o novo?  
Dizem-me, os que sabem, eruditos da língua  
que ouço, que não se deve confundir,  
num gesto precipitado, “newness” com “novelty”.

Aceito. Que sei eu de línguas?  
Uso-as como quem deseja desenrascar-se  
na precipitação ontológica do real,  
se se pode dizer assim.  
Que procuro pois eu, “the newness”  
ou “the novelty”? Não saberia responder.

Que procuro na música?  
Às vezes penso que a vida. A vida?...  
Não fazer sentido comigo próprio  
não é uma experiência recomendável.  
Mas haverá um próprio de mim  
que faça algum sentido digno dessa palavra?

Não estou a compreender.  
Nem o que penso, nem o que ouço.  
Vozes, digo-me tantas vezes, vozes,  
dos outros, se possível humanas, vozes  
que me tragam uma promessa de amizade,  
que me abram a quem nunca pude ser.

Há músicas que não conseguem ser sons.  
Como atmosferas perdidas de instrumentos  
tentando criar uma realidade  
que estivesse à altura de um desejo  
de uma outra coisa. Mas a coisa é sempre  
a mesma. Nascer, viver e morrer.

Que fazer para sentir que gosto destas canções?  
Sentir ainda estará ao meu alcance?  
E terei que gostar ou não gostar?  
A existência não tem o direito de ser  
existência? Ser não é ser? Que interessa,  
ao que é, o sentido estético da gratuidade?

Gostar ou não gostar não será sempre  
uma arbitrariedade, um capricho,  
uma afirmação de um poder que se esconde  
na impotência de que somos portadores?  
Confrontar poderes com poderes  
será alguma vez uma solução?

Não me perguntam para quê.  
Uma solução, sei lá, sem para quê,  
uma solução sem como nem porquê.  
Atolado nesta aporia faço tudo para ouvir  
o que Willy Mason está a cantar:  
são canções desprendidas da sua voz.

Não me lembro quase nada do pragmatismo de William James. Mal recordo a trama de um dos romances lidos de Henry James. Gostei de alguma particularidade da filosofia de William, apreciei a técnica tão louvada do romance jamesiano?

Recordo-me de um livro interessante sobre os irmãos, e até me recordo de aí se abordar o problema da estética da imperfeição. Que não coincidia, como conceito e prática, com a minha. Não temos que coincidir uns com os outros.

O que há mais são colusões nefastas. Instintos abissais não são obrigados, numa metáfora fulminante, numa imagem mais ou menos excruciantes, a arrastar-nos aos fundos do mundo. A ascensão nem sempre é uma pieguice mitológica.

A luz existe, do sol, é claro e é clara. Não seremos seres da luz, não somos seres das trevas, somos o que quisermos ser, se ousarmos. Ousemos gostar de quem tanto precisa de ser gostado. Que fazemos no mundo se não o fizermos?

Aplacado pela enormidade, mais pensada que proferida, abro os lábios ao sorriso entre o gozo de ser e o sofrimento de viver. Tudo vai de par, dizem certas línguas. Talvez um dia a “novelty” possa confundir-se com a “newness” numa realidade diferente.

28/2/2014

## A SIMULTANEIDADE

«A rua, a rua!», ouve-se no corpo  
uma voz indizível, foi-se à janela  
e foi verdade, o sol abre o céu numa florescência  
que só quem ama a terra poderá reconhecer  
a simultaneidade entre uma árvore  
e a luz que alberga o sentido da luminosidade.

Que importa o almoço ou a fome!  
O sol chama, chama tão longínqua  
que não se comprehende muito bem todo o bem  
que traz ao esplendor incoativo  
de uma terra perdida nos meandros  
de elucubrações telúricas como adversárias.

Um clangor de nada atroa tonitruante  
pelo espaço aturdido de tanta luz celeste,  
ainda ontem o tempo era de peste,  
um vento frio toldado de nuvens negras  
como só se pode imaginar para um fim  
do mundo capaz de resistir à imaginação infrene.

Sair de casa. Sair de casa. Adeus frustração  
de acções levadas a nenhum cabo,  
adeus depressões oprimidas em desejos  
de tal maneira infectos que dificilmente  
se poderá arquitectar uma visão reveladora  
do sofrimento que soprou por estas partes.

A vida existe! A vida existe! Azáfamas  
de quem vem e de quem vai, vultos ocultos  
em improriedades da linguagem,  
como se a realidade não pudesse ainda sintonizar  
com uma harmonia, uma metáfora, fora  
de qualquer logro de conhecimento esporádico.

Gente renascida repercutindo-se em passos  
que sulcam calores vindos não se sabe de onde,  
se do alto azul, se da terra arquejante  
diante da tanta divulgação de uma primavera.  
As árvores da avenida brotam botões  
conscientes do tempo que agora faz.

Tanto tempo fechado em casas imobilizadas  
numa consciência húmida e perspicua,  
horas de dias e minutos de noites esbracejados  
em ventos de uma melancolia quase feroz,  
se fizesse sentido dar ao que é o que vai  
na percepção dos acontecimentos atmosféricos.

O corpo chegou com a primavera.  
Passou pé após pé pela meditação muscular  
das pernas que sondaram as redondezas,  
nenhumas vítimas caídas sobre as calçadas  
iconoclastas, nem rastos do que foi ou tem sido,  
apenas presenças onde as sombras abundam de sol.

Dizer da bondade do que é não é apanágio  
da crueldade. O real imola-se diante dos olhos  
imprevistos e um odor de alegria abisma-se  
na comissura dos lábios, agora é que vai ser,  
agora é que vai ser, o que será  
ninguém o sabe nem ninguém quer saber.

Basta de sofrer! De sentir o frio nos locais  
do desemprego, nos apartamentos apartados,  
nos pés despedidos e destituídos de corpo.  
Basta de se sentir que um dia, mais tarde  
ou mais cedo, se vai morrer de morte evidente  
como quem se consente um descanso merecido.

O mundo é uma impenetrável abstracção.  
A terra um planeta oriundo da galáxia.  
A galáxia desdobra-se em comiserações  
de uma ciência que vive de descobertas,  
de subsídios que nunca ousarão levar alguém  
a esse nada tão nascente como uma estrela.

O sol inunda de um carinho impoluto  
os corpos das pessoas que passam, camisas  
desfraldam às brisas ocasionadas pelo movimento  
dos corpos que se alcançam no alcance  
de uma demora, de um desejo, de um sufrágio.  
Até onde deixar a vida perecer na desmedida?

Nada como uma interrogação para se introduzir  
o nada, esse desvelo das práticas sociais,  
esse estorvo das intelectualidades criativas,  
esse impulso determinando o corpo a gozar  
tanto sol quanto possível for ao sol ser sol,  
se compreender for ainda comprehensível.

A rua perpetrhou-se e penetrou-se de luz,  
os homens e as mulheres quiseram talvez ser  
crianças, as crianças não sabiam o que fazer,  
se ficar ao sol embebidas de esperança,  
se se deixarem escorregar para os limites  
da sombra, da sombra de árvores urbanas.

Há um campo escondido em qualquer cidade.  
Em qualquer idade do globo, dada a estupidez  
humana no seu fascínio pelo mal,  
pela queda, pela destruição, essa terra  
saberá sair do seu esconderijo para povoar  
novamente o planeta aparentemente moribundo.

O que não nasceu nunca morrerá.  
O que nunca apareceu nunca desaparecerá.  
O nada não é somente o oposto do tudo  
ou do ser, o nada não se opõe a nada,  
e por isso subsistirá como uma nostalgia  
ao contrário, contrária a qualquer perdição.

6/3/2014

## IN A TIME LAPSE

Estupefacto por estar estupefacto  
ouço esta música como se pela primeira vez  
sentisse que deveria sentir  
algum respeito e alguma dignidade  
diante do que ouço quando sinto dos sons  
uma presença que quase me anula.

Não saber o que dizer faz-se dizer  
nesta abreviatura da língua que me inunda,  
serei por isso mesmo e finalmente  
um ser humano? Um homem possível?  
Silenciado pelo que ouço uso apenas  
deixar-me ser no momento de uma audição.

Sem saber se sei ou não sei o que estou a sentir  
finjo pela consciência que tudo é possível,  
até a beleza, a beleza sem mais nada.  
Quem foi e é capaz de exprimir a inexpressão  
do que é como do que não é?,  
pergunto-me. Vou ver. Ludovico Einaudi.

O tempo pode passar, o tempo passa,  
eu fico-me passando em cada som que irrompe  
como uma caricatura da humanidade  
que nos aflige, sucederes sucessivos  
de acções que se desenrolam como se o caos  
não fosse mais capaz ou possível.

Que domínio é este que me transporta  
para portas de sensibilidades inimagináveis,  
que carisma se alicerça no alcance  
de uma nota saída agora de um piano,  
esquecidos os outros instrumentos neste lapso  
que mais se parece com um ilapso?

Há mais vida do que a vida? Há beleza  
onde nada mais há do que a vida de todos  
os dias? Que hora é esta e em que tarde?  
De onde vem esta transformação inaudita  
que me inculca personalidades isentas,  
sombras de escombros do que já fui?

Houve uma memória na memória que há  
neste preciso momento? Ou tudo é passagem  
de sons soltos na atmosfera do pensamento,  
sensações estranhas de uma terra  
nunca visitada pelo facto tão simples  
de não poder existir onde a existência existe?

Que língua me impede de falar ou de dizer?  
Ou é esta música, como um fora,  
que me aflora em terebrantes ilusões  
de uma companhia onde a amizade seria  
uma manifestação da dignidade do respeito?  
Será que serei pelo facto de estar a ser?

A ser ouvido no que ouço? Serei eu mesmo  
um eco ecoando na febricitante luz  
da tarde que se ilumina de sonoridades  
capazes de trazerem até mim quem nunca fui  
por ser do ser apenas a desenvoltura  
de um devir, a duração de um destino?

Palavras inauditas explodem na consciência  
como se desejassem ser mais do que signos,  
contentes por advirem os sons que sempre  
foram, mas esquecidos na rotina das superstições  
tantas vezes culturais como ideológicas.  
Que lógica apagou a beleza do dizer?

Sinto-me como se fosse um atrevimento  
pensar que me sinto, como se fosse um crime  
perecer assim tão vivo na presença  
do que é, e é esta música eclodindo na hora  
como uma evanescência incorruptível,  
fermento para não sei que conclusões abusivas!

Onde tenho estado para não ter estado?  
O que tenho proferido? Em que mundo vivo?  
Que terra é esta que desconhecia  
completamente? Este é o meu corpo?  
Será esta música que ouço o que outrora  
chamavam de alma ou mesmo de espírito?

A alma ainda existe? O espírito existe?  
Será isto que me penetra, em esboços  
de um carinho, a fala de uma ausência?  
Mas tudo me é presente como um presente  
ou uma oferta, sabe-se lá de quem,  
se a música não puder ser uma pessoa!

Devastado pelo gozo de ser ouvido no que sinto  
faço-me um instrumento inventado  
de propósito para este aqui e este agora,  
eis a realidade, digo-me, este quarto virado  
para uma serra indistinta, para o casario  
de uma urbanidade eleita pela fealdade.

A beleza da música torna-me belo,  
concedo, mas o real que bispo em frente  
não se transfigura numa decência ablutora,  
viver os contrastes, as dissonâncias,  
sussurro ao meu ouvido comovido  
pelo que ouve do que nunca aqui houve.

Vem de longe, como um sol despertando,  
esta sensação de uma mais que emoção.  
Sorrio pela sorte que o acaso me trouxe hoje,  
este lapso de tempo, a mim, que sempre vivi  
do tempo os seus momentos e as suas leves  
ou pesadas brevidades, como se nada fosse.

Mas é, mas é o que estou neste momento  
a ouvir, e ser deixa de se instituir um mistério  
ou mesmo um enigma, agora comprehendo  
sem preconceitos o oráculo, esta voz  
não da humanidade dos corpos humanos,  
mas da extemporaneidade dos instrumentos.

Há um piano que me divulga na ilusão  
de uma existência votada à bondade de ser,  
que soube ser ao longo dos anos?  
Que música? Que instrumento? Que tempo,  
não do tempo que passa, mas do tempo  
que a música exige a quem dela se aproxima?

Repto-me como um sibilo interdito  
na imensidão catacrética da feliz repetição,  
as emoções não são inumeráveis, a tristeza  
e a alegria chegam e sobram para se sentir  
todas as cores de um arco-íris transitivo,  
transeunte acompanho cada peça deste delírio.

Vou ao fundo onde não há fundo.  
Elevo-me onde não há céu nem aragem.  
Faço de conta que conta o que estou a ser,  
chega-me finalmente o silêncio, súbito,  
como um corte sem sentido vivido quase dor  
por quem de mim se despede de um êxtase.

7/3/2014

## ATRÁS

Quem ou o quê, do que existe ou não existe,  
me poderá trazer aqui?  
Quem me obriga a sair da realidade do mundo  
para me instalar por alguns minutos  
na dependência da língua escrita?  
Para quê ousar ser uma experiência viva?

Caído em mim por ter caído neste amálgama  
de palavras que surgem de um chão  
ora conhecido ora desconhecido,  
esquecido de mim procuro encontrar  
o quê, na aluvião que desce obsceno delírio  
onde se mitigam as dores e os prazeres?

Há perguntas a fazer? Há respostas a responder?  
Há sintaxes capazes de produzirem um efeito,  
e depois um feito, e depois um facto?  
Onde estou até o próprio onde se entenebrece  
por não se reconhecer como um lugar  
ou um tempo. Tudo depende de tudo.

A sensação é boa, dormir na consciência  
quanta tentativa de paz é pacífica  
na demora da sua deiscência,  
para quê varejar a consciência com pruridos  
que nem sequer se compadecem  
do que pode vir a ser real num futuro?

Ninguém sabe do que aqui se trata ou fala  
porque ninguém, no fundo, fala ou trata  
do que quer que seja, o importante é seguir  
a emoção, é continuar, como se tudo fosse,  
pelo esplendor um pouco falso  
de uma deriva de sensações aspectáveis.

Não há caminho que leve a nada,  
dizem os maldosos em aruspícios insustentáveis,  
como permitir que uma derisão se nos antolhe  
a dévia arrepsia de uma fatalidade  
que procura ocultar e concluir o destino  
do que nasce sem prevenir quem aparece?

Parece que decalques foram encontrados  
nos meandros dos rios transcedentes.  
Parece que mundos anteriores se desculpam  
diante de mundos posteriores num festejo  
que faz ranger os dentes à raiva  
que entretanto se tece de vozes atras.

«Quem é quem?» é um grito percuciente  
enclavinando-se em dedos calosos,  
os operários deixam de ser trabalhadores,  
os trabalhadores sentem-se escravos  
como se o tempo pudesse regressar atrás,  
como se um espaço tivesse que ser consumido.

Como se em frente houvesse um atrás  
escondido e esquecido, uma armadilha belisária  
deixada nas artimanhas da história,  
camadas de poeira e de cinzas avolumando-se  
em estratos contendo atafergos explícitos  
de pensamentos que se dissolveram na terra.

«Guerra, guerra!», dizem os noticiários avitos  
que se preocupam com a contemporaneidade  
das populações actuais, ver nas palavras  
proferidas por vozes profissionais  
cadáveres de crianças não é uma ficção  
para todos os dias, para todos os minutos.

O mundo deixa às vezes de ser uma abstracção  
para se devolver cruel como uma realidade  
que não pode ser contida na imaginação.  
Que fazer do que não se pode fazer,  
que nostalgia de uma heroicidade  
escapou às mentes privilegiadas de hoje?

Impotência, dizem alguns, indiferença,  
dizem outros, que dizer pode irromper agora  
da língua que não comprehende que a hora  
talvez seja de uma dissemelhança irreparável?  
Não fazer sentido é o que o mundo mais faz.  
Como testemunhá-lo sem traduzi-lo?

Rente ao que se pensa que acontece  
vasqueja uma ilusão de uma afabilidade  
que poderia ser humana, mas que sigilo político  
abrange a humanidade dos que subvivem  
a fingir que são homens e mulheres?  
Que se passa?, pergunta a mãe ao filho.

Que aconteceu?, questiona a esposa junto  
ao marido. Nada, nada, tudo na mesma.  
A mesmice é uma doença que infecta  
a moderna disposição para o logro e o dolo,  
não há porém remédios que possam obviar  
a epidemia que alastrá num silêncio macio.

Tantas as catacreses que afloram à superfície,  
de quê ignora-se, porque uma língua  
nem sempre apresenta o que é  
nem sequer em dimensões escarvadas  
na memória das indispensáveis batologias.  
Esgares bezoantes desfiguram o que prefiguram.

Como escapar a esse atrás que avança sempre  
à frente do que é e acontece, sim,  
como eliminá-lo de uma vez para sempre,  
para que tudo, isto é, a vida,  
seja mais simples, mais aliciante,  
mais propícia ao desejo de uma outra coisa?

Ninguém sabe responder. Eliciar  
do nada uma hipótese de trabalho ou de sonho  
onde se inclua a humanidade como sujeito  
do seu destino para que não esteja sujeita  
às arbitrariedades dos livres arbítrios  
não parece ser tarefa fácil, dizem os sabidos.

Afinal o homem é o homem, palestram  
os oradores das histórias vingativas,  
sábios da resignação e da inteligência concordam,  
sempre foram assim, sempre serão assim,  
os homens. Assim não há meditação  
que resista ao opróbrio da ignobil verdade.

Aqui estamos, mesmo quando pensamos  
que vamos levados pelo tempo no seu fluxo  
como no seu devir, mutabilidade risível  
de uma realidade compungida por não poder  
furtar-se ao real. Quem ou o quê me trouxe  
aqui? E para quê? Para sofrer evidências?

Este estúpido desejo que me faz levantar  
da leitura de livros conspícuos e inúteis  
para me fazer sentar diante da língua anafrodita,  
um desejo que nem sequer se transforma  
em prazer, prazer que fosse mesmo se diluído  
à mínima expressão de um convívio.

11/3/2014

## O TEMPO E A CARNE

Esta experiência, viver,  
que nunca se define como experimentação  
ou experimento, oscilando como corda bamba,  
em plena disjunção ou aderência,  
sobre um abismo aberto na inclemência  
da terra, na dor de quem a habita.

Esta experiência da experiência,  
de viver e de morrer na escrita breve  
da fugitiva obsessão, ser realidade tentando,  
em deploráveis exercícios do bem e do mal,  
atingir uma fenda imperceptível do real  
que instiga os sentidos, de quem sente, a sentir.

Todos os dias mudo, mudo de espanto  
por não compreender a mudança fluctíssona  
que perpassa por mim como devassa o mundo  
de flutuações e de acontecimentos  
sucedendo-se em manobras ininterruptas.  
Todos os dias fico mudo no que mudo.

O tempo não contemporiza com o desejo  
de se passar pelo tempo permanecendo  
paragem na passagem, como se ficar  
fosse possível no que avança em plena dança  
dos sentidos que se perdem por não saberem,  
ignaros ou incertos, como fazer sentido.

A vida é uma indelével ignorância.  
A ânsia de se viver mais um minuto que seja  
é a esperança que se inventa para se poder  
suportar o que desaparece a olhos vistos.  
Viver, verdadeiramente, nunca foi vir ver.  
Nada do que há se presta aos olhos.

Daí que escreva com palavras  
da humanidade dos homens e das mulheres  
a mudez que desfigura as facetadas  
exposições dos rostos indecifráveis.  
Daí que me atreva a exortar, com gritos  
indomesticáveis, a existência dos existentes.

Não há fala que seja anterior às palavras.  
Poetas da contemporaneidade convulsa  
e avulsa ainda rezam sabedorias edénicas  
como “Um poema cresce na carne,  
sobe ainda sem palavras pelos canais do ser”.  
Não ser poeta para poder crer!

Para poder acreditar que um poema  
seja um organismo, um feto fecundado  
sabe-se lá por quem ou como,  
em ventres onde sangues maternais  
sobem em mimetismos de ascensões ao corpo  
de filhos dormindo na matéria profunda.

“Fora existe o mundo.” Leio, e concordo.  
Evidências, ao contrário do que muitos pensam,  
nem precisam de ser confirmadas  
pelos testemunhos oraculares  
dos inexpugnáveis mistérios das visões.  
Os Poetas não serão heróis desempregados?

Ou meros sacerdotes de mutilações místicas?  
Sobrevivências subservientes de ambições  
que não têm a coragem de se afirmar?  
Como? Retirando as máscaras que ocultam  
as caras alimentadas de iluminações.  
Como se pode ser hoje tão declarativo?

Ouço, quase comovido, a confissão feliz:  
“Fora, os corpos genuínos e inalteráveis  
do nosso amor”. Como deve ser bom,  
ou terrível, viver-se na eternidade inalterável  
de um amor, entre uma estase e um êxtase!  
Num fora de corpos incapazes de envelhecer!

“E o poema cresce tomando tudo em seu regaço”.  
Palavras escritas, ou apenas vislumbradas,  
são como mulheres ávidas de uma posse  
que nada tem de sexual, são mães mordidas  
por um desejo teatral e insustentável,  
fazer face ao poder com um poder infante.

Daí que se avizinha, com a força sustida  
do que é uma coisa, o verso evensor:  
“E já nenhum poder destrói o poema”.  
Maravilha das maravilhas,  
a arma arma-se de milagres convictos,  
de castas transfigurações de potencialidades.

“Único, invade as órbitas, a redonda  
e livre harmonia do mundo”, o poema.  
Desde quando invadir é feito justificável?  
E que órbitas? De astros constelados  
em percussões de universos dispersos  
na imaginação infrene de quem se expande?

Mas para quê invadir um mundo  
livre e harmonioso? Não se comprehende.  
Alguma vez, fora, no mundo dos minutos  
miseráveis, se poderá mudar o quer  
que seja, contrapondo ao poder o poder?  
O poema deixaria, por magia, de ser palavras?

Há absolutos impermeáveis aos lutos  
que se disseminam pela terra, “o poema”  
é um desses absolutos. Lutam os que lutam,  
com ou sem poemas, simples corpos  
de carnes confusas por sentirem sofrimentos  
que ultrapassam a ideia do humano.

Como se pode ainda propor tais fantasias?  
Certo, finaliza o poeta mais metafísico  
que lúcido, “E o poema faz-se contra o tempo  
e a carne”. Benditos leitores que comungam  
de tais ideias, que nem sequer são,  
como poderiam ser, espeques de um ideal.

Pode, o poema, fazer-se, por obra divina,  
contra o tempo, mas de nada lhe vale.  
Já nem os românticos das épocas românticas,  
nos idos do começo do século dezanove,  
acreditavam nisso. Só uma cegueira  
amorosa, tenaz, pode subestimar o tempo.

Há poetas, felizmente para eles,  
que publicam e são honestamente lidos,  
ignorando de todo o que é a história.  
A história dos outros e a história deles.  
Passam numa esplêndida violência  
indiferentes ao que se inunda de mundo.

Investidos de uma ingenuidade pueril  
distribuem nos seus poemas bagos de uva  
ou raízes minúsculas de sol que fazem enternecer  
os que vivem de ilusões. É fácil embalar os leitores.  
Diffícil é convencê-los que um poema  
se faz não contra, mas com o tempo e a carne.

12/3/2014

## **SEGUNDA PARTE**

## PROLOGUE

Ei-lo, o solo do instrumento  
que começa o que não terá nunca fim,  
o solo de um outro solo,  
não o chão de nenhuma terra,  
não os passos que se dão sobre essa terra,  
nem a solidez de uma qualquer ideologia.

O solo de uma música que pede ao ouvido  
o que o ouvido exige da música,  
uma passagem para outra margem,  
a realidade da experiência da realidade,  
quando o momento, feito de tempo  
e de espaço, o permite.

Quem ouve transforma-se em atenção,  
comoção de um movimento  
tentando acompanhar o que aparece  
do que acontece num fluxo  
que não deixa reflectir ou meditar  
a língua que existe dentro de quem ouve.

Segundo a segundo de um mundo  
sonoro soprando notas metamorfoseadas  
em sensações especulativas,  
como se no som se jogasse a prática  
de uma vida perdida tantas vezes  
entre um caminho e um outro caminho.

Será isto viver? Ou nada disto  
é mais do que a beleza pressentida  
pelo desejo preconcebido de achar beleza  
na indiferença do que é e passa  
sem traço que se insira na memória  
de uma ousadia, que é sentir o sentir?

O instrumento dá da música  
a sua voz contemporânea do que é,  
a experiência é sempre inaudita,  
um não ouvir no haver do que se ouve  
como se houvesse mais do que a coisa  
que nos apela em compulsões.

Intuir que nada mais há do que o que há.  
E sentir uma alegria de corpo feita  
e desfeita como quem conhece  
do dia a sua noite, da noite o seu dia.  
Não se pode adiar o que acontece.  
Não se tece uma audição com paragens.

E no entanto, ó estupidez!, a sensação  
de que o que continua música faz parar  
qualquer coisa em qualquer coisa,  
como se o momento vivesse alongando-se  
de perplexidade e de desejo,  
um beijo durando na humidade apetecida.

18/3/2014

## THE DAY'S GROWN OLD

Já março se prepara para ser primavera  
enquanto o sol não desiste de dar ao dia  
a sua luminosidade tão posta em causa  
neste inverno que nem chegou a ser  
do nosso descontentamento. O poeta  
não é Shakespeare, o poeta é Charles Cotton.

Ler o que foi há muito escrito foi destruído  
pelo som de vozes rodeando o lugar  
de um encontro. Saí de casa  
com a curiosidade de ver  
o que se passava pelos velhos campos  
embrutecidos pelos verdes da estação.

E vi. Um rebanho de ovelhas triturava  
na sua passagem o campo vizinho  
ao que me atrevo a chamar,  
numa hipérbole consciente,  
a minha quinta. As ovelhas cobertas  
de uma lã amorfa e fedorenta.

E um cão, irreverente na ocupação  
que lhe foi outorgada, lá corria de lado  
a lado como se o mundo fosse  
da terra uma presença e uma massa  
movendo-se na singularidade particular  
de um evento ainda banal neste século.

Mais atrás sobressaía estrondosa  
a voz de um pastor praguejando injunções  
ou apelos ou exortações, uma fala  
que me deixou sonhador, a voz humana,  
como muitas vezes, recentemente,  
gosto de me referir aos sons das gentes.

Ralos intempestivos não se ralavam  
com a minha presença na periferia fofa  
do verde do terreno, o pastor passou  
sem me dizer uma boa tarde,  
eu fiquei observando ainda alguns minutos,  
sentindo o sol nas costas do meu corpo.

Estou a vinte e cinco quilómetros  
da capital do país, e o país continua pastoral  
na sua enigmática fabricação de história.  
Campainhas rivalizavam com os ralos  
e a tonitruante evocação de uma voz.  
O cão não precisou de ladrar.

Eu não precisei de abrir a boca.  
O sol quase primaveril batia nas silvas  
que me eram familiares,  
afinal para que servem os nomes?  
Olhei para a paisagem e vi o horizonte.  
Ao fundo, um mar esquecia-se de ser oceano.

Desci pela verdura, nem formoso  
nem seguro, lembrando-me da curiosidade  
de ver em que estado estavam as árvores  
plantadas no começo do inverno.  
Algumas desprendiam-se da natureza  
em flores ancestrais, outras ainda mudas.

Há um prazer que baila algures  
no lugar em que se é, uma emoção  
descuidada e um pouco ingénua, sentir  
que a terra se sustenta de nadas,  
uma vegetação que às vezes sofre a intrusão  
de mãos tentando uma mais-valia.

Vi as macieiras adormecidas na poda  
que lhes dei este ano, reduzidas  
no volume que pode parecer fertilidade  
mas que, muitas vezes, não esconde  
na sua folhagem mais do que a ausência  
dos frutos que nos poderiam tentar.

Vi as videiras ainda minúsculas ousando já  
uns botões variegados, promessas  
com que não se pode contar.  
Não são para fazer vinho, esse bálsamo,  
são para aceitar da sobremesa  
um fim para uma refeição futura.

Vi os marmeleiros extrovertidos  
em pequenos ramos soltando-se do tronco  
corroborado pelas estações,  
entrelacamentos conspícuos da falta  
de conhecimento que os aborda.  
Mas todos os anos oferecem-nos marmelada.

Vi os damasqueiros floridos  
em peripécias de uma brejeirice  
difícil de ser definida, os primeiros frutos  
que alimentam de suculência as bocas  
da família no tempo em que se amarelam  
para que as mãos os apalpem.

Vi as ameixieiras incapazes de ser história  
em vidas que poderiam ser férteis,  
algumas expondo-se em flores brancas  
como se a virgindade fosse ainda possível.  
Com a exceção de uma, nunca deram nada.  
E quando deram, deram-se bichentas.

Vi as figueiras explodindo em folhas  
acompanhadas de figos lampos,  
a segunda leva será absorvida no engenho  
com que se força uma deiscência  
para dela se usufruir de uma doçura  
em certo sentido um pouco vulgívaga.

Vi os pessegueiros em arremessos  
das suas primeiras flores,  
demasiado jovens para se poderem  
entregar, indecifráveis, na sua época.  
Árvores de uma sensibilidade delicada  
que enfurecem de pesar os verões.

Vi as pereiras ainda inexpressivas,  
demorando-se em hibernações vegetativas  
e mudas, árvores novas e velhas  
moldando-se ao pomar mais próximo  
da casa. Delas não espero nada.  
Mas não é, de todo, por sua culpa.

Porque com a primavera e o verão  
o terreno é fustigado de salsos ventos  
que não conhecem a bondade  
ou a solidariedade. A natureza, dizem,  
é invulnerável aos desejos dos homens.  
E o desejo, sabemo-lo, é incomensurável.

Mas agora, a tarde, no seu crepúsculo  
quase ameno para poder ser um *locus*,  
divulga-se numa mansidão benfazeja,  
o sol perde-se entre as canas imóveis  
enquanto cai no silêncio frugal  
a luz que não figura em nenhum livro.

19/3/2014

## ANSWER, ECHOES, DYING, DYING, DYING

Que poderiam os ecos responder  
a quem não faz perguntas?  
E mesmo que alguém as fizesse,  
que respostas obteria dos ecos  
senão as diferidas perguntas  
que lançou sobre paredes inultas?

Os ecos não respondem, apenas  
repetem, automáticos e enfraquecidos,  
o que a voz debitou num som  
endereçado a um horizonte diminuto.  
Não morrem numa morte tortuosa,  
desaparecem onde não surgiram.

Quando Tennyson elaborou, talvez  
meticulosamente, os seus morrendo,  
morrendo, morrendo, deveria estar  
enlouquecido pela imaginação versátil,  
borrifando-se para qualquer realidade  
concernindo a realidade dos ecos.

Mas o que é a liberdade poética  
senão o fingimento de se ser livre de dizer  
o que se quiser, independentemente  
de um qualquer realismo?  
Ah, grito para uma parede da casa rústica  
em que às vezes habito. Ah, é a réplica.

Mas não a réplica expressa em frases  
como quando se fala das réplicas  
oriundas das profundezas da terra  
e que abalam a estrutura do chão  
que se pisa depois de um terramoto  
movido por razões já explicáveis.

A beleza, de um poema, por exemplo,  
nada tem que ver com manifestações  
do real na vivência de realidades  
perceptíveis. Há-os, quero dizer, poetas,  
que se contentam de lançar aos leitores  
palavras que lhes ecoarão de sentidos.

Todos nós podemos ser poetas.  
Atirar palavras para o ar e esperar  
que essas palavras atinjam os ouvidos  
de quem as quiser ouvir como cantos  
de um esplendor transcendente  
na consolação de um oracular suspiro.

Não há ecos de ecos de ecos.  
Os ecos, atrasados alguns segundos  
do que foi dito, ou gritado,  
são definitivos. Não vão morrendo,  
morrendo, morrendo, numa encenação  
do que poderia ser o infinito.

Nunca procurei uma resposta  
para uma pergunta que não tem  
resposta. Procurei a conversa  
algumas vezes humana com aqueles  
que se introduzem na humanidade  
como se a evidência fosse evidente.

Nem sempre o é. Não vou dizer  
que o mundo está cheio de mistérios  
ou de ignorância. Digo apenas  
que muitas vozes não receberão  
nenhum retorno, incapazes de eco.  
Há muros que não devolvem sons.

Há prisões tão nocturnas no cerco  
das suas paredes que nenhum choro,  
humano ou inumano, poderá atingir  
aqueles mesmos que choram de dor.  
Os ecos necessitam de distância,  
como os raciocínios comprovativos.

Mas está-se aqui. E mesmo se o aqui  
é indefinido, ele existe sem precisar  
do testemunho de um olhar perspicuo.  
E este aqui é um agora. A língua, às vezes,  
arvora dimensões tão verdadeiras  
que o próprio real se sente inseguro.

24/3/2014

## IN THE HOWLING STORM

Percursos elegíacos não são mais explícitos.  
Podem escavar na tessitura do real  
tentativas de sobrevivência, mas a morte  
nunca sobrevive, a nada nem a ninguém.  
Tudo é experiência e acontecimento,  
nada mais há que a passagem do tempo.

Rosas de inverno assumem-se perdidas  
perante o frio que as invade,  
esquemas de configurações abstrusas  
elucidando a cor que se evola  
presa a caules demovidos de qualquer mansidão.  
Nada mais se pode esperar do visível.

Quanto ao invisível, certo é que doenças  
açambarcam a delida felicidade  
das plantas. Mas os vírus e as bactérias  
são tão presenças como a beleza hipotética  
de umas pétalas incapazes de desabrochar.  
Nenhum calor do sol é permanente.

Amores ainda destruirão vidas?  
Alegorias ainda conseguirão traduzir  
a plenitude do real? Imagens soltam-se  
sem imaginação, onde está a língua incorrupta  
capaz de dar ao alento a sua força?  
Não há inocência nem pureza nem confirmação.

Os que morrem de que elegia podem ser eleitos?  
De que serve cantar o que a voz amordaça?  
E quem deseja ouvir, por um segundo que seja,  
as carpideiras de outras eras,  
tumefactas aparições de realidades  
que não resistiram à história ocidental?

Não há alegria que possua uma cor.  
Há sensibilidades e sentimentos  
procurando introduzir no balanço do mundo  
uma limitação do mal endémico,  
mas o que é o mal? Quem dele pode dispor  
para poder dizer que o reconhece?

Não habitamos nenhum segredo.  
Pensamos que somos únicos na fereza  
dos destinos que nos interpelam com enigmas  
e oráculos desavindos, tudo se levanta  
no horizonte para que tudo possa regressar  
à terra que nos abraça num despojo sem alma.

Verdade que tempestades uivam  
em ambientes deduzidos de cambiantes  
mais ou menos extemporâneos,  
a noite muitas vezes é sacudida de ventos  
que nada pressagiam, a não ser o nada  
em que evidenciam uma ocorrência natural.

Chuvas voam pelas noites enegrecidas,  
não há porém sinais visíveis ou invisíveis  
que possam transformar a água numa língua  
por muitos desejada profética.  
Ninguém chega antes do seu tempo,  
nenhuma fórmula formula o aparecimento.

Tudo e nada são efabulações da convicção,  
histerismos esotéricos de opiniões  
que pensam atingir as fímbrias de uma essência  
que nunca passou pelo crivo do real.  
Não, rosas que acalento em platabandas  
cuidadas, a doença não é promíscua.

Nem as palavras poderão dizer mais  
do que o dizer de que se afirmam divulgadas,  
excepções não precisam de regras,  
regras insurgem-se contra a terra inumana  
como se o mundo dos homens e das mulheres  
não estivesse contente sem explorações.

Uivam frases expeditas tentando impedir  
que o evento de que se insurgem os factos  
consiga aturdir as consciências contemporâneas,  
que se pode contra as tormentas físicas  
e psíquicas, que civilização alguma vez  
soube viver de uma saúde traduzida em paz?

E no entanto, ou por isso mesmo, esta música  
que impregna estas meditações absurdas  
levanta-me num crescendo inexcedível  
e faz-me voar em acusmáticos desvelos  
de uma alegria inaudita, são acessos sedosos  
de um avanço que não leva a nada.

Ou só ao sentimento de que a suspensão  
se repercute num mais que som, numa voz  
avançando sempre num arco-íris de sentidos  
que se confundem com emoções tão íntimas  
que é difícil se crer que se está ainda vivo  
numa sensação de presença epulótica.

Sente-se, porque se conhece o desfecho  
de tanto se ter ouvido ao longo dos anos  
este trecho musical, que se culmina num grito  
independente de qualquer medo ou alegria,  
algo se rasga na dimensão do tempo,  
um corpo perde a sua noção de espaço.

Quem sou, se soa a mim, desconhece  
o mundo e a terra e o céu, de onde vim  
venho até mim como um espasmo alucinante,  
que amor ou ódio me abrasa no instante  
que se recusa a ser momento, que falta  
redunda num silêncio sem uma falha?

6/3/2014

## EVERY NIGHTE AND ALLE

Quando a noite, dentro de casa,  
perde as suas luzes, e a escuridão perceptível  
se alonga em quartos disseminados  
pelos lampiões da rua adjacente,  
é com um misto de prazer e de dor que o corpo  
se sente num abandono inamissível.

Há uma alegria na reverberação nocturna  
que se introduz como uma mão  
desejando uma carícia do olhar ameno,  
o silêncio não desmente nenhuma voz  
que possa introduzir-se no diapasão cardíaco  
que ressoa como uma canção antiga.

Não é mais possível ser-se endecha  
de alguma coisa. O mundo deslocou-se  
do seu centro e agora só as periferias  
respiram em modulações de umas músicas  
que nunca foram cantadas por ninguém.  
A história é um processo possesso.

O corredor é a passagem mais tenebrosa.  
Aí nenhuma oclusão ou desvio da luz  
projecta uma dimensão civilizacional,  
aí nada se vê, e esse nada obriga os braços  
a estenderem-se para sentirem nas paredes  
um toque que toque a percepção.

Sensação estranha, avançar-se na cegueira  
quase momentânea de um medo ancestral,  
visceral, antagónico à percussão  
que invadiu o mundo de hoje.  
Avança-se na destituição impávida  
dos passos tacteantes, que frente é o fim?

O fim do corredor, é claro! São segundos secundados por uma imprecisão dissoluta, uma hesitação construída de acertos e de concupiscências inadvertidas, decisões que não chegam a atingir o fluxo da consciência que se desprende do corpo.

Há um temor acasalando-se ao abandono de um imprevisível, a escuridão desfaz-se da noite como se fosse possível sentir-se algures, dentro ou fora, a lembrança inócuia de uma alma que há muito desertou a língua franca.

Experiência tão primitiva que se sente, nos interstícios do que é, uma débil apologia do selvagem como o imaginamos, grutas carcomidas pelas intempéries, ou verões vertiginosos alongando-se sol na noite desprotegida dos que dormem.

Não há cânticos de fúnebres exposições do sofrimento humano, há sossegos adormecidos esperando que uma luz se faça quando a manhã souber incendiar o horizonte. Atinge-se o quarto, apalpados os sentidos das paredes cobertas de estuque.

Da porta do quarto à cama não há sonho nem comprovações de um sono sonoro, a lâmpada não tem cabeceira, sobre um móvel cotejando estilos ultrapassados pela moda jaz a possibilidade da luz se fazer sem que seja uma origem.

Faz-se a luz. Sem princípio nem verbo  
vê-se a cama adormecida pela mulher,  
suspeita-se de uma quentura amorosa,  
o corpo estende-se e uma mão grávida  
gravita em redor do candeeiro  
até encontrar o seu ponto de suspensão.

Todas as noites são mais ou menos assim.  
Este assim nada tem de excepcional.  
Agora deseja-se apenas que nos olhos  
um pouco cansados, despedidos os óculos,  
a consciência se faça escuridão  
na escuridão que se alaga pelo quarto.

Demora sempre algum tempo a demora.  
Pensamentos iniludíveis afluem  
como catacreses de uma imponderabilidade  
quase física, que foi do dia,  
que será do amanhã, perguntas  
que se soltam da inexistência nefasta.

A vida sorri como se o envelhecimento  
do real nada tivesse que ver com a língua,  
o corpo diverge de si mesmo em ocupações  
de encontros com o colchão,  
qual a melhor maneira de se adormecer?  
Há perguntas que permanecem inalteráveis.

E nunca há respostas. Tentativas  
são simulações de real procurando surdir  
efeitos nem sempre consequentes,  
haverá em perspectiva uma insónia?  
A cabeça aturdida, nada mais pode fazer  
que aceitar as diversões do acaso.

Palavras que não foram empregues na luz  
do dia emergem vingativas de desejos  
inconfessáveis, que desejam  
de mim, que procuro apenas adormecer?  
Uma caótica gesticulação de frases  
apodera-se da escuridão indecifrável.

Dormir, dormir, é a canção contemporânea.  
Apaguem-se os lampejos da consciência,  
destruam-se em explosões de nada  
concepções e teorias duvidosas, dormir,  
peço a mim mesmo, mas o mim mesmo  
deixou de ser realidade ou presença.

Estou perdido sem perda nem perdição,  
digo-me agastado de silêncio.  
O corpo inerme, inconclusivo, incapaz  
de resolver qualquer problema,  
esperando apenas que o deixem ser corpo  
para adormecer numa cama esperada.

Todas as noites o costume costuma ser  
assim. Cansa tanta ilusão no descanso,  
não haver um suicídio para se saldar  
a contenda, não haver a coragem do crime  
que não resolveria nada ao nada!  
Destituído de forças alojo-me na ignorância.

Às vezes o sono aparece na rapidez icástica  
de um fechar de olhos. Outras vezes  
a insónia perde-se na memória do que foi  
como do que nunca foi, a história  
deixa de ser contemporânea para viver  
a extravagância extemporânea.

26/3/2014

## THOU THAT MAK'ST A DAY OF NIGHT

Serenatas intestinas abrigam-se evocativas  
no que teria sido do dia já passado,  
corridas de estranhos eflúvios  
tentando determinar em que zéfiros  
uma contemporaneidade pode ser vivida,  
uma experiência pode ainda ser estética.

Nada de nada no que repassa inesperado  
como uma condescendência obsolescente  
do que se expõe como ser.  
Ser-se vivo terá alguma coisa que ver  
com a memória diária que aflui  
em mecanismos de uma ausência perclusa?

Imagens após imagens destroem a inócua  
imaginação do que seria um mundo,  
mas o que é, verdadeiramente, o mundo?  
De que coisa se fala ou pensa quando se diz  
que a terra abrevia, pela sua presença,  
qualquer conceito que a destrua?

A noite alberga o dia esvaído em cansaço  
dos sentidos incorporados no corpo,  
poder-se-á conceber uma ideia icónica  
que traga ao momento o sentido  
de uma demora na distância impérvia  
que ignora o alcance do alcance?

Há palavras que recusam sintaxes  
e interpretações do real que se imiscui  
na consciência ainda desperta,  
como fazer introduzir numa história  
o inconcebível de uma prática metódica,  
viver cada dia a possibilidade do dia?

Acertos cercam de medos lapidescentes  
o que se poderia pensar que foi ou não foi,  
onde esbarra o pensamento da memória,  
onde subjaz, como sentimento,  
a felicidade de uma demonstração íntima,  
a utilidade de uma meditação inapta?

Dia e noite mascaram-se de noite e dia,  
como deslindar uma concentração  
de um centro se o tempo que percorre  
a passagem dos dias não obedece a uma lei  
que se possa regular num mistério?  
Será um enigma o que não se faz pergunta?

Realidades redundam em obscenas cenas  
de um despudorado equilíbrio das coisas,  
mas que coisas perpassam no sentido  
quase abstruso de se pensar que uma coisa  
possui um volume e uma objectividade,  
que coisa foge ao mimetismo da loucura?

Não há nenhum sol que se sente na cadeira  
do absoluto nem na dimensão alegórica  
de uma encenação poeticamente traduzida,  
mas houve sem dúvida tempos  
em que era e foi possível trespassar  
a razão com arquitecturas monumentais.

Que inteligência abordava homens  
como Ben Jonson? Que emaranhado  
de ideias se esvaíam diante da imaginação  
de um renascimento sem fénix alguma,  
que protocolo da arte permitia à língua  
dizer o que a realidade desmentia?

Há uma voz que canta no simulacro  
de uma aventura desmedida,  
a vida também pode ser perdida  
no que acha do que procura, a beleza  
foi alguma vez a fortaleza impenetrável  
onde a humanidade se sentiu protegida?

É possível. A música é possível.  
Poder-se-á ouvir nos seus interstícios  
um destino que tenha escapado ao tempo  
de uma incerteza incomensurável?  
Poder-se-á viver na morte das palavras  
que restam sepultadas em livros?

Ouço com um prazer quase independente  
de tudo quanto sou essa voz no arquejo  
do que respiro, mas serei um hino  
quando a novidade do que aparece  
me transforma em formas inacessíveis  
ao apego de uma apreensão imperdoável?

Nenhum coração voa pelo vislumbre  
de um amanhã ou de um ontem,  
só o presente passa num fremente passo  
que não atinge mais do que o futuro  
que toca levemente o tempo emergente,  
suceder de sucessões de acasos.

Se a imaginação fosse uma realidade  
realizar-se-iam na violência dos desejos  
apogeus como abismos, crimes inauditos,  
bondades acariciando a santidade  
sem que fosse preciso a revelação  
de um qualquer absoluto apocalipse.

O que foi, foi. É um estranho desvario  
quando a leitura de hoje pretende viver  
o que nunca, por incapacidade real,  
foi vivido. A vida foi alguma vez  
uma potência, uma pureza, um ornamento  
na desordem de que são feitos os dias?

Astros glorificam-se em apologias  
de deuses e de deusas, o que tem sido  
a história da história dos homens  
senão refutações ou dissidências do saber  
outorgado pela tentação de se ver no nada  
a necessidade de um brilho apelativo?

Pode-se censurar a evidência anacrónica  
de uma crença? Pode-se fazer pouco  
das populações que abriam os olhos  
no meio da noite para rezar a um tudo  
que tudo permanecesse na acalmia  
de uma espera na profunda esperança?

A ilusão não será também a jangada  
que sulca os mares do desconhecido, o dia  
seguinte, as provações e os prazeres,  
os deveres e as tarefas, as mortes amigas  
de quem habitou uma afabilidade  
tão indesmentível como o amor do outro?

Há passos que se dão em ofertas votivas,  
presentes de presenças talvez fictícias,  
mas fingir não será uma forma  
de conhecimento? Canta uma luz  
periclitante no meio da noite, será dia,  
será um sol seduzido pela escuridão lúrida?

28/3/2014

## SAVE ME FROM CURIOUS CONSCIENCE

Nunca me foi dado escrever um soneto  
nos simulacros de sonetos que escrevi,  
apenas povoei dezenas de páginas  
com esquemas e rimas que me faziam sorrir  
por sentir que o tempo não era meu,  
nem nenhum passado sobrevive ao que passa.

Busquei, da consciência ferida, abrir  
ao alcance uma outra consciência desperta  
em afazeres que pretendiam esquecer  
o sofrimento de um quotidiano,  
sílaba a sílaba inventei o que inventava,  
simulações de uma urgência iconoclasta.

Era fácil transcrever para a língua  
uma terapia que absorvesse no seu fazer  
a praxis de uma desenvoltura porética,  
era difícil, senão impossível, encontrar  
um sentido que pudesse concatenar  
a dor que fora com o que estava a ser.

Juntei palavras como quem escreve  
num quadro mítico equações de sistemas  
mais ou menos matemáticos, ouvia  
nos sons que rimavam um gargalhar  
de alegrias perdidas, selvagens desapegos  
do que me inundava de desconhecido.

O importante era estar entretido.  
Encontrar geometrias em espaços diluídos  
em papéis que nada tinham de imoriais,  
a história nunca foi contemporânea,  
a vida nunca saberá ser história  
nem memória do que foi e do que será.

E cada abuso da gramática era um passo  
determinado a salvar-se do degredo,  
a doença acudia-me em seus braços dévios  
como se fosse possível na adversidade  
atingir-se o cúmulo da genialidade.  
Ficou do que ficou segredos inconfessáveis.

Erotismos de silogismos onde os solecismos  
imperavam como um fracasso da lei,  
ousei desenvolver na ignorância da época  
manifestações do nada, singultos  
abeirando-se de soluções como se o tempo  
pudesse mesmo assim ser alcançado.

Ou devolvido, atónito, ao presente  
como um presente do passado que tinha sido.  
Experiências terríveis de experiências  
que se intuíam como arquejos desmedidos  
da explosão aracnídea dos factos,  
facécias de ilusões no deleite das ofertas.

Escapar por um triz não é escapar.  
É deixar esse triz na passagem do tempo  
que perpassa existencialmente pelo corpo  
como se ser nada mais fosse que sentir  
um espinho num algures sem consciência,  
afasia e alalia na morfologia do fenómeno.

Sinto tantas vezes, desprovido de memória,  
o arremesso de algo que se adivinha  
na obsoleta histrionia de um *algos* mais  
ou menos grego, quem compreenderá  
o incompreensível que se insinua  
como uma membrana de uma outra história?

Passou, passou, e nada, por ser nada, passou!  
Só o em volta ou o em redor se afasta  
ou se aproxima, distâncias são larvares ânsias  
fazendo das percepções gastas sensações,  
maneiras de se estar no decorrer  
do que se pensa que é vida e é morte.

Sulquei sonetos de mares empobrecidos  
pela imaginação embrionária, emolientes  
desprezos pela realidade, tentativas  
muitas vezes religiosas dos que obedecem  
a uma alma protegida pela escuridão.  
A pureza viveu sempre do lusco-fusco.

Importa? Keats escreveu o seu melhor  
soneto em prosa, e numa carta aos irmãos.  
Ei-lo: "I had not a dispute but a disquisition  
with Dilke, upon various subjects;  
several things dove-tailed in my mind,  
and at once it struck me what quality

went to form a Man of Achievement,  
especially in Literature, and which  
Shakespeare possessed so enormously  
- I mean Negative Capability, that is,  
when a man is capable of being  
in uncertainties, mysteries, doubts,

without any irritable reaching after  
fact and reason – Coleridge, for instance,  
would let go by a fine isolated verisimilitude  
caught from the Penetralium of mystery,  
from being incapable of remaining  
content with half-knowledge".

Keats nunca teria pensado que o futuro  
que nos é presente desprezaria a beleza  
e a verdade, concentrando-se apenas  
nessa ideia de uma incerteza e dúvida  
que nem mereceu o espaço de um livro.  
A poesia pode irromper em qualquer parte.

Não, direi eu no acme de um breve mistério,  
não me salves da consciência curiosa.  
Sofrer e gozar sempre foi a incongruência  
de uma estadia humana, gozemos  
agora uma hora de prazer, escrever um ser  
sem que haja a certeza de o haver.

Nada do que rima rima com a verdade.  
Quem acaba de dizer tal disparate?  
São tantas as verdades e as certezas,  
tantas as displicências da sorte e do acaso,  
para quê introduzir no que é um acervo  
de saberes os cacos que se amontoam de ecos?

O universo anda disperso pela nulidade  
dos pensamentos vigentes, as ciências  
perscrutam o negócio, o negócio, odiando  
o ócio, só pretende ganhar. O quê? Ganhar.  
Não importa o quê ou como. Ganhar,  
ganhar. A capacidade é bem negativa.

Intrometem-se os zelos das opiniões  
contemporâneas, o mundo vai ser ou já é  
assim, o futuro espera do presente  
um presente tuitivo, os deuses mitológicos  
nunca estiveram mortos. A morte  
nunca foi uma economia aceitável.

Ainda não é meia-noite e já a similitude  
do sono desce como uma chuva húmida  
sobre as janelas destemperadas.  
O tempo pode ser tantas coisas  
em tantas línguas que é inútil falar  
do tempo que faz. A primavera chegou.

A sua promessa arrefece na desilusão  
das populações vizinhas, as pessoas pasmam  
na incerteza do seu futuro, o que dirão,  
ou diriam, se soubessem, da acuidade  
que Keats pôs na sua “negative capability”?  
Que os poetas não servem para nada.

E teriam razão. Nenhuma religião pode ser  
ou subsistir disfarçada em arte.  
Só a arte do poder consegue dizer  
que tudo está bem no mal que processa.  
A vida das gentes é tão diferente de outrora,  
dizem, convictas, as vozes camufladas.

A trompa eleva-se das cordas e deixa cair  
no ar reverberações quase escatológicas,  
mas o fim nunca será do mundo,  
e muito menos da terra. O sol, dizem,  
espera-a pacientemente, mas o seu embate  
não será mais do que uma explosão cósmica.

1/4/2014

## EPILOGUE

Desaparece, aparentemente concluída,  
a voz do tenor. As cordas que acompanharam  
como pano de fundo emudeceram cumpridas.  
Resta a trompa transportando em si um som  
que se evade numa aptidão incompreensível.  
O fim terá sempre que ser solitário?

Um breve momento alongando-se frágil  
como se uma conclusão pudesse ser  
alguma vez conclusiva. Pode ser.  
Poder ser é a transformação da ubiquidade  
no uníloquo. Música de uma música  
o som transparece no seu movimento.

Ouvi-lo como uma prática e um decalque,  
pegada após pegada pedindo uns pés  
para afundar a presença desse caminho  
que ousou trazer uma sensibilidade perspicua.  
Não se pode fazer o que já está feito  
e se oferece como um dom da amizade.

Passa esse sinal da trompa fora do palco  
em que eclodiu o seu aparecimento,  
agora é no mundo que vibra de realidade  
que se espalha a brevidade de um intuito.  
Sentir, mesmo se sem sentimento.  
Sentir a sucessão dos instantes adictos.

Sentir a sensação de uma presença  
em quem se é, o abraço de quem instituiu  
uma possibilidade de vida à vida  
de todos aqueles que persistem em viver.  
Não é fácil merecer dos dias a dor  
ou o prazer, é difícil conceber o amor.

Mas ele existe metamorfoseado em devaneios  
de acontecimentos periclitantes e dúbios,  
alguém escreveu essa música  
no limite das suas limitações humanas,  
alguém quis fazer-se ouvir no que houve  
de uma experiência ainda estética.

A estesia é uma palavra antiquíssima.  
O passado passa assim como se o que foi  
fosse ainda actual, habitável, musical,  
compartilhável. Ouço maravilhado o som  
da trompa que nunca será final,  
os paradoxos nem sempre se contradizem.

Ouvido esse minuto e meio da passagem  
que foi vivida na suspeita de um próximo fim,  
o clímax da agonia desvanece-se  
em silêncio surdo, que se passou no acerto  
da consciência dividida entre um feito  
e o efeito dessa intraduzível peça de música?

A ignorância é um saber em potência.  
Está aberta ao ser numa deiscênci  
que pede alimento e experiências urdidas  
das mais misteriosas e enigmáticas vozes.  
Não têm que ser de tenores inspirados  
nem acompanhadas de cordas sibilinas.

Cabe a quem ouve no que houve e há  
de harmonia e melodia o desejo  
de ser ouvido por quem de si espera  
que possa advir um facto indesmentível.  
O saber não precisa de ser uma técnica  
ou uma ciência, basta-lhe a sabedoria.

O mundo pretende que o tomem como mundo,  
para quê permitir-lhe esse hediondo crime?  
Homens e mulheres e crianças habitam  
o planeta como se a terra não fosse redonda,  
a terra é redonda e gira nas esferas  
de uma música que será sempre imperceptível.

Não deixemos aos assassinos incrédulos  
a oportunidade de um domínio.  
Ganhar é quase sempre perder. Persiste  
contudo, a outro olhar da inteligência,  
a pergunta: Será possível, ainda hoje,  
fazer-se, à vida conturbada, uma serenata?

2/4/2014